

CAP QOBM JULIO CESAR DE GOES

**UM HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ EM CURITIBA
(1953 –2006)**

Monografia apresentada ao Departamento de Contabilidade, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Planejamento e Controle em Segurança Pública.

Orientador de Conteúdo: Coronel _RR Dr. Celso Mendes.

Orientadora de Metodologia: Prof^a. Helena de Fátima Nunes Silva

**CURITIBA
2006**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	6
1.2 JUSTIFICATIVA	9
1.3 OBJETIVOS	9
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	9
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
2 METODOLOGIA.....	10
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	10
2.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	10
3 ANTECEDENTES DO REGISTRO HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ.....	11
3.1 O CORPO DE BOMBEIROS NO MUNDO.....	11
3.2 O CORPO DE BOMBEIROS NO BRASIL.....	12
3.3 O CORPO DE BOMBEIROS NO PARANÁ.....	13
3.3.1 MISSÃO.....	15
4 REGISTRO HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ.....	21
4.1 OS ANOS 50.....	21
4.2 OS ANOS 60.....	27
4.3 OS ANOS 70.....	36
4.4 OS ANOS 80.....	38
4.5 OS ANOS 90.....	44
4.6 O INÍCIO DO SÉC. XXI.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58

Resumo

Título: Um histórico do Corpo de Bombeiros do Paraná em Curitiba (1953 – 2006)

Autor: Cap. QOBM Júlio César de Goes

Orientador: Cel RR Celso Mendes

Pesquisa histórica sobre o Corpo de Bombeiros do Paraná, visando elucidar de maneira pragmática o comportamento da instituição ante aos acontecimentos econômicos, sociais e políticos desde a década de cinquenta aos dias atuais. Diante das rápidas transformações ocorridas, principalmente no início do século XXI, procura-se abordar num contexto histórico, delimitado, como o Corpo de Bombeiros do Paraná por meio de um comportamento global foi influenciado em suas ações, principalmente em Curitiba, para posteriormente se ramificar por todo o Estado. No ano de 1953, o Comando do Corpo de Bombeiros do Paraná, passa da atual Biblioteca Pública para onde atualmente está situado, na rua Nunes Machado nº100. Não foi apenas uma mudança de endereço, mas também a partir deste ano é que passou a ser o órgão execução da Polícia Militar do Paraná, sendo então denominado como Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná. Este histórico é apenas um perfil, dentre muitos que podem existir. Os preceitos constitucionais do Corpo de Bombeiros, junto à comunidade paranaense, sua posição militarizada como força auxiliar e reserva do exército, seus compromissos para com a constituição estadual, sua união junto à Polícia Militar do Paraná, principalmente nos difíceis anos pós 1964. As difíceis e árduas missões, principalmente no ano de 1963, quando houve as grandes queimadas, em que grande parte das matas nativas do Paraná, foram destruídas. O Corpo de Bombeiros ampliava seu leque de missões e instituía o curso de incêndios florestais, não havia mais como se concentrar apenas nos incêndios urbanos de Curitiba. As atuações de socorro, não só a pessoas e a natureza, mas um compromisso com o salvamento foi ampliado com uma tropa de elite solidificada, e o Corpo de Bombeiros em Curitiba, por meio do Comando da Polícia Militar do Paraná, instituía o GBS (Grupamento de Busca e Salvamentos). Com características específicas, o GBS passou a ter treinamentos diários, concentrações e missões de busca e resgate na Serra do Mar, treinamento físico constante e intenso, bem como a executar tarefas em todo o Estado. As enchentes de 1983, que marcaram não só mais uma missão no salvamento de vidas, mas ações de defesa civil, executadas em várias cidades do sul do Estado, principalmente na região mais atingida, a cidade de União da Vitória. Os anos noventa marcavam uma inovação quanto ao aspecto de salvamento de pessoas, aos moldes dos paramédicos americanos, o atendimento pré-hospitalar, envolvendo vários órgãos do estado, do governo federal e universidades, surge o SIATE. Era preciso inovar no atendimento que já era prestado, mas de forma rústica, o sistema integrado de atendimento a traumas e emergências veio a preencher uma lacuna no atendimento pré-hospitalar de maneira profissional, hierarquizada, disciplinada e principalmente militarizada. Os resultados desta pesquisa são o próprio registro dos eventos ocorridos ao longo da história, especialmente no período de 1953 a 2006.

Palavras-chaves

Força Auxiliar; Reserva do Exército; Hierarquia e Disciplina; Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná; SIATE; GBS; Defesa Civil, Militarizada; Paraná em Chamas; Histórico do Corpo de Bombeiros do Paraná.

INTRODUÇÃO

Na pesquisa de um perfil histórico a respeito do Corpo de Bombeiros do Paraná nos deparamos com uma riqueza cultural que se confunde com a própria história do Paraná.

No resgate de um passado e na busca de um conhecimento histórico que ainda necessita ser documentado, o Corpo de Bombeiros de Paraná, se faz presente com um perfil diferenciado, entretanto ainda anônimo da literatura paranaense. Na escolha desta corporação como objeto de pesquisa, na proximidade do seu centenário, o Corpo de Bombeiros do Paraná começa a mostrar uma identidade cultural muito mais visível ao povo do Estado, em relação àquilo que estava oculto ao longo da história. Esta história contemporânea que se perpetua no início da década de cinquenta até os nossos dias, traz-nos um lado cultural que se inicia quando dos preparativos para o centenário de emancipação do Estado e as modificações que este fato trouxe em 1953.

E é a partir deste ano que os acontecimentos que mereceram destaque começam a ser registrados para as gerações futuras de uma história rica em conteúdo, de grande importância cultural para a historiografia paranaense e de relatos que constroem a Corporação e preservam o orgulho do que é ser bombeiro.

Observando os anos mais conservadores da sociedade paranaense, os anos 50 e suas influências sociais e políticas, durante a referida década, para a corporação.

Os conturbados anos 60, o golpe de 64 e as influências deixadas ao Corpo de Bombeiros, a situação política do pós-golpe e seu papel constitucional de força auxiliar e reserva do Exército Nacional.

Nos anos 70, o auge dos regimes militares, como eram os procedimentos do Corpo de Bombeiros, durante as inspeções do comando do Exército. Os motivos que levaram à separação de quadros de oficiais do Corpo de Bombeiros que se desvincula do quadro de oficiais da Polícia Militar.

Nos anos 80, os militares sofrem mudanças, devido ao novo processo político que se instaura no país. Tem início o processo de redemocratização no Brasil, logo no início da década. Surge um movimento pró-separatista da Polícia Militar do

Paraná, com o advento da Constituição de 1988, os resultados obtidos e as mudanças que ocorreram, quando a Constituição do Estado foi revista no ano seguinte.

A criação do SIATE nos anos 90, baseado num modelo paramédico americano, justamente na capital modelo do país, como Curitiba era conhecida pela sua estrutura urbana e um novo segmento de atendimentos pré-hospitalares que trazem um impulso notório à comunidade curitibana, e este tipo de serviço prestado coloca o Corpo de Bombeiros nas atenções do Estado e do restante do país.

Em 1994 o GBS é extinto, para a criação do 6ºGB em São José dos Pinhais.

São criados os subgrupamentos de bombeiros independentes em Paranaguá e em Foz do Iguaçu.

Os comandantes da época tomaram todos os cuidados para que tais mudanças não trouxessem prejuízos para os cofres públicos, já que se tratava de um projeto e de mudanças políticas, que trariam expectativas de expansão da corporação.

O relato dessa história em documento é o objeto de estudo.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Na expectativa de entender melhor a colocação de uma corporação presente, no meio social, o Corpo de Bombeiros como um todo necessita que sua existência como instituição passe a ter um registro histórico.

Abordar o Corpo de Bombeiros como instituição presente no Paraná, mais principalmente em Curitiba, faz-nos pensar a corporação com uma visão de mundo muito além do soar das sirenes, às vezes ignoradas para quem delas não precisam.

Entretanto, o Corpo de Bombeiros do Paraná, e principalmente em Curitiba de onde emergem as ordens para todo o Estado, vivenciou e não passou ao largo das mudanças sociais que ocorrem neste início de século XXI, nem tampouco deixou de se influenciar pelas mudanças políticas ocorridas no país, após os ocorridos em março de 1964.

As então novas medidas tomadas em nível, de Estado, em 1953 quando o Corpo de Bombeiros passou a entrar no que classificamos como sua história

contemporânea, integrando um dos órgãos de execução da Polícia Militar do Paraná. (Constituição Estadual, art.46 § único).

A instituição anteriormente denominava-se Companhia de Bombeiros e Organização de Companhia de Fuzileiros, nome este que vigorava desde 1938, pela lei estadual nº155.

Muito embora, comemoramos de maneira positivista a data de 8 de outubro de 1912, como sendo o início do Corpo de Bombeiros no Paraná, foi apenas a Ordem do dia Nº1, a qual chamamos em nossos dias de Boletim Interno, todavia, nesta data o Major Fabriciano do Rego Barros instituiu a criação do Corpo de Bombeiros do Paraná, com sede em Curitiba.

Entretanto, a instituição de maneira oficial já havia sido criada no dia 23 de Março de 1912, por meio do art.1º da Lei Estadual nº 1.133, pelo então presidente do Estado do Paraná Carlos Cavalcanti de Albuquerque.

É importante realçar que já no início da década de 50, os bombeiros no Brasil, totalizavam 4.561 homens, e em Curitiba havia 220 bombeiros, no restante do Paraná, isto é, nas cidades do Estado que possuíam serviços de bombeiros, havia 375 profissionais. As cidades do interior eram consideradas estações de bombeiros. Eram formados por pelotões, sendo que o 1º Pelotão era sediado em Paranaguá, o 2º Pelotão em Ponta Grossa e o 3º Pelotão em Londrina. (VAN ERVEN, 1954, p. 75).

Em 2006, o efetivo previsto no Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, é de 3.439 bombeiros e o existente é de 2.974, gerando uma defasagem de 465 bombeiros para todo o Estado,. (CCB-BM/3).

As transformações que ocorriam, principalmente no Estado em 1953, davam um caráter um tanto particular ao Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná. A estrutura organizacional do Corpo de Bombeiros era composta por divisões. “Estas divisões eram distribuídas da seguinte forma: Divisão de Pessoal, Divisão Cultural, Divisão Técnica, Divisão de Instrução, Divisão de Educação Física e Desporto, Divisão de Oficinas e Divisão Técnica.” (VAN ERVEN, 1954, p. 79,80).

Os ativos intangíveis da corporação tinham formação na Polícia Militar do Paraná, formação policial-militar.

O Corpo de Bombeiros teve dois comandantes no início da década de 50, Cel JOAQUIM DE SOUZA TEIXEIRA, que comandou desde 1951 até 3 Jul 1953 e o Cel JOÃO CHERPINSKI que comandou desde 3 Jul 1953 até 26 Ago 1955. (...) “Há fatos insignificantes, para os despreocupados com pormenores, que podem ter influência na mudança dos aspectos de uma cidade. O caso que vamos narrar, por exemplo, poderia ter feito com que a nossa moderna Biblioteca Pública fosse edificada noutro local.” (VAN HERVEN, 1954, p.81). Nesta colocação, é notório o descontentamento do Tenente VAN HERVEN, com a mudança do Corpo de Bombeiros para ajustes de outros projetos do governo do Estado. Inúmeros foram os acontecimentos desde a criação do Corpo de Bombeiros até os dias atuais que necessitam ser registrados. Tais como:

A mudança do Corpo de Bombeiros da atual Biblioteca Pública para a rua Nunes Machado.

Em 1963, outro evento merece atenção, ou seja, as matas do Paraná são maciçamente atingidas pelos incêndios florestais. O Corpo de Bombeiros atua no que ficou conhecido como “Paraná em Flagelo”.

A enchente, no vale do rio Iguaçu, em 1983, deixa cidades paranaenses em Estado de Calamidade Pública.

A cidade mais atingida é União da Vitória; o Corpo de Bombeiros de Curitiba é empregado no socorro e em trabalhos de Defesa Civil.

Surge a preocupação em abranger mais municípios do Estado, com serviços de bombeiros, mas o custo elevado de se manter uma unidade de bombeiros, torna-se inviável para muitos municípios paranaenses.

No Corpo de Bombeiros, é criada a BM/8, para gerenciar o projeto bombeiros comunitários do Estado, e em 2006 é criada uma divisão de Atendimento Pré Hospitalar; a corporação é desafiada a expandir seus atendimentos a todo Estado por meio de ambas as seções de Estado-Maior. Os bombeiros comunitários são treinados para atuarem como agentes de defesa civil, pelos Grupamentos de Bombeiros aos quais estão subordinados.

Surge o FUNCB, (Fundo do Corpo de Bombeiros), como uma solução para fornecer recursos às unidades da capital e do interior.

Diante desses fatos históricos brevemente relatados, surge o questionamento, com o problema da pesquisa a ser resolvido.

Como o resgate do passado e do presente podem contribuir para as mudanças no futuro do Corpo de Bombeiros do Paraná?

1.2 JUSTIFICATIVA

O registro histórico como resultado desta monografia justifica-se, especialmente, pelo fato de se deixar um embrião à comunidade paranaense a respeito da história, de uma instituição que vai muito além daquilo que já se conhece.

Abordar este registro contemporâneo, logo no início da década de 50 é entender como as transformações num primeiro momento pareciam lentas e conservadoras, assim como era o perfil da sociedade curitibana na época, ou seja, se a missão vem sendo cumprida, não interessa como, nada deve ser mudado. Este era o pensamento de época e o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná não era exceção à regra.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar e relatar os principais eventos ocorridos no período de 1953 a 2006, por década.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Deixar um registro , que retrate um histórico mais atualizado para o Corpo de Bombeiros do Paraná.

Analisar a influência da redemocratização dentro da Corporação.

Abordar os aspectos evolutivos que contribuíram para que a Corporação se torne mais dinâmica, respondendo mais rápida e eficaz a uma sociedade cada vez mais crítica e exigente.

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa histórica de caráter elucidativo, fundamentada em documentos oficiais, jornais, artigos, revistas de época (1953-2006) e em depoimentos segundo o método da história oral.

2.2 Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa teve como base os relatos de bombeiros que vivenciaram o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná no período de 1953 a 2006.

Nesse sentido, se registram os principais eventos que marcaram a corporação, e os acontecimentos extra-corporação, sociais e políticos que de alguma forma vieram a influenciar a corporação bombeiro-militar, pela consulta aos documentos e aos relatos, tendo como pano de fundo o caráter qualitativo utilizado na pesquisa.

O método empregado foram depoimentos de profissionais bombeiros da ativa e da reserva, a consulta a jornais, revistas e documentos de época, que objetivou dar um sentido mais cultural à pesquisa histórica.

A organização dos registros foi feita pelas décadas. Dessa maneira, os eventos que ganharam destaque ao longo da história foram entre outros:

A mudança do Corpo de Bombeiros para a atual rua Nunes Machado, em função da criação da Biblioteca Pública do Paraná, era um dos projetos do governo Bento Munhoz da Rocha, ao qual visava alterações nas instituições públicas,

buscando um destaque, para enaltecer o centenário da emancipação política do Paraná.

3 ANTECEDENTES AO REGISTRO HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ.

Neste item estão apresentados os antecedentes do Corpo de Bombeiros no Mundo, no Brasil e no Paraná. Desta forma, busca-se entender a evolução da profissão desde o surgimento do homem e a compreensão de que na convivência em grupos, as chances de sobrevivência e de superação das adversidades seriam maiores.

3.1 O CORPO DE BOMBEIROS NO MUNDO

Este breve histórico nos traz um perfil de como os serviços de bombeiros iniciaram no mundo, no Brasil e em Curitiba, para tanto, citamos um documentário, que nos localiza no tempo, trazendo a luz inicial desta historiografia, a qual é exposta da seguinte forma: (ANDRÉ, Ten-Cel QOBM Jurandi. Perfil do Corpo de Bombeiros do Paraná. Monografia – Academia Policial do Guatupê. 2001. Curitiba; MARTINS, Ten-Cel. QOBM Jorge Luiz Thais Martins).

A evolução histórica demonstra claramente que desde o surgimento do homem na face da terra, iniciou-se uma luta infundável pela sobrevivência, que sempre foi ameaçada pelas adversidades, obrigando as pessoas e as pequenas comunidades a se cotizarem com o propósito de enfrentar os animais, a fome, os incêndios, as secas e as inundações.

Os mais diversos exemplos podem ser encontrados nas civilizações antigas, em que os recursos para garantir a continuidade da espécie e proteção do patrimônio eram buscados no próprio meio em que viviam.

Com o passar dos anos, foram surgindo as vilas e as cidades; a maneira de atuação dessas comunidades foi se alterando, sendo necessário um aperfeiçoamento no sistema de atendimento no que se referia a pessoal e a equipamentos.

Os exércitos estavam preparados para combater o inimigo, mas a população civil não empenhada na luta era relegada a segundo plano, ficando totalmente desprotegida. Naquela época, não havia sistemas organizados pelo Poder Público a fim de atender à sociedade com o objetivo de fazer frente às catástrofes criadas pelos homens e pela natureza.

A origem dos Corpos de Bombeiros remonta a antiguidade. Uma das primeiras organizações de combate ao fogo de que se tem notícia foi criada na antiga Roma. Cesar Augusto que se tornou o primeiro Imperador em 27 A . C., formou um grupo de “vigiles”. Esses “vigilis” patrulhavam as ruas para impedir incêndios e também para policiar a cidade.

Somente mais tarde, já na Idade Média, é que os franceses organizaram um sistema de combate ao fogo, que era o maior inimigo das grandes cidades.

A rápida evolução da sociedade e o vertiginoso progresso nas áreas tecnológica, industrial e urbanização, contribuíram para as crescentes e insaciáveis necessidades do homem, tornando o mundo moderno palco de múltiplas adversidades, como os incêndios em edifícios, acidentes de trânsito e de radioatividade.

Essas adversidades, que antes eram raras, tornaram-se uma realidade diária, o que veio despertar sentimentos de solidariedade, mudando o juízo de valor da sociedade, que passou a se preocupar mais com a vida, com a integridade física e com o bem-estar de cada um.

Pensando nisso, a maioria das comunidades do Continente Europeu desenvolveu vários sistemas de defesa, dos quais podem ser citados os corpos de bombeiros associativos, os corpos de bombeiros voluntários, além de outros sistemas.

3.2 O CORPO DE BOMBEIROS NO BRASIL

No Brasil, o Corpo de Bombeiros foi organizado em 2 de julho de 1856, pelo Decreto Imperial nº 1.775, com o nome de Corpo Provisório de Bombeiros da Corte, no Rio de Janeiro. Por esse Decreto, assinado por Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II, foram reunidas as Seções de Bombeiros que então existiam para o serviço de extinção de incêndios na Casa do Trem (Arsenal de Guerra).

Embora fosse um estabelecimento militar, cumpria-lhe, a princípio, orientar os serviços de socorros em casos de incêndios, cabendo à sua equipe técnica a supervisão dos trabalhos de salvamento e extinção de fogo, o que era realizado desordenadamente no Arsenal da Marinha, estabelecendo-se, extra-oficialmente, um serviço contra incêndio.

Passou a existir, na época, um núcleo com responsabilidade, no combate a incêndio, dispondo de uma aparelhagem rudimentar; a cidade já não se mobilizava desordenadamente para a prestação de socorros. Aos poucos, com os progressos de que se beneficiava o Rio de Janeiro, ia-se organizando o núcleo oficial do seu Corpo de Bombeiros.

Os arsenais já não eram os únicos que cuidavam dos incêndios na cidade; embora possuíssem bombas e pessoal mais especializado, contavam ainda com a colaboração da Repartição de Obras Públicas e de um serviço que funcionava na Casa de Correção, em que 60 africanos livres já estavam acostumados aos misteres de bombeiros, perfazendo aquele Corpo de Bombeiros um total de 130 homens.

Naquele tempo, o sinal de fogo era dado por tiros de peças de artilharia de grosso calibre, do Morro do Castelo, sinal que era em seguida confirmado pelo toque convencionado do sino da Igreja de São Francisco de Paula, indicando o lugar do sinistro. Içava-se uma bandeira vermelha no mastro principal do Castelo, erguido para esse fim ou, se à noite, uma lanterna vermelha.

O comandante, quando comparecia, acrescentava à sua farda uma faixa a tiracolo, amarela no centro e vermelha nos lados, e no capacete colocava um vistoso penacho vermelho.

Em 1880, passou a ter organização militar, sendo concedidos postos e insígnias da hierarquia militar aos seus componentes.

3.3 O CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ

A história do Corpo de Bombeiros do Paraná, fundado pelo então presidente do Estado, Dr. Carlos Cavalcanti, é muito antiga e necessita de um histórico. “Foi criado finalmente, em 1912, o Corpo de Bombeiros do Paraná, cujo histórico se vai fazer”. (VAN HERVEN, 1954, p.10). Com esta afirmação o oficial e escritor já

evidenciava a importância em se registrar um histórico do Corpo de Bombeiros do Paraná.

Os serviços contra incêndios tiveram início em Curitiba, com uma Sociedade de Bombeiros Voluntários, do tipo ainda existente em Joinville. Era a Sociedade Teuto-Brasileira de Bombeiros Voluntários, fundada em 1887, que visava satisfazer a necessidade do meio curitibano, tendo caráter supletivo, pois os reduzidos recursos financeiros não permitiam aos governos do Estado e do município organizarem departamentos contra o fogo, mantendo a Corporação de Bombeiros.

Finalmente, em 1912, foi criado o Corpo de Bombeiros do Estado do Paraná. No ano anterior, criara-se a Guarda Cívica (Polícia) de Curitiba. Fundou-se, no mesmo ano de 1912, a Universidade do Paraná. Era o progresso que se acentuava. Na época, o presidente do Estado, Carlos Cavalcanti, apresentou ao Congresso Legislativo do Estado um pedido de crédito necessário à criação de um Corpo de Bombeiros na capital.

Organizou-se pela sanção da Lei n. 1.133, de 23 de março de 1912, a tão esperada organização, ficando equiparados os postos dos seus componentes, na plenitude de direitos, honras, prerrogativas e vantagens, aos equivalentes do Regimento de Segurança, atualmente Polícia Militar do Paraná.

As atividades do Corpo de Bombeiros do Paraná foram marcadas pela leitura da ordem do dia, em 8 de outubro de 1912, baixada pelo Major Fabriciano do Rego Barros, comandante que declarava dar início à organização.

Ficou dito que a organização inicial do Corpo de Bombeiros do Paraná deu-lhe caráter rigorosamente militar e a imprescindível autonomia completa. Um Estado-Maior, duas Companhias e dois Estados-Menores formavam o Corpo de Bombeiros em 1912.

Foi incorporado à Força Militar em virtude da disposição do artigo 7º, da Lei nº 1.761, de 17 de março de 1917, por Decreto nº 473, de 9 de julho do mesmo ano; com a organização da Companhia de Bombeiros e Pontoneiros, voltou ao caráter independente, com a constituição de Corpo, com duas Companhias na Lei nº 2.517, de 30 de março de 1928, e foi desanexado pelo Decreto nº 324, de 10 de abril deste último ano. Ainda em 1928, pelo Decreto nº 666, de 21 de maio, tomou nova organização, com Estado-Maior, Estado-Menor e duas Companhias.

Novamente incorporado à Força Militar, para fins militares, em 2 de junho de 1931, passou a fazer parte integrante, como Batalhão Sapadores-Bombeiros, com as partes administrativas e técnicas independentes do comando geral. Desligados pelo Decreto 134, de 15 de janeiro de 1932, voltaram à denominação de Corpo de Bombeiros por força das disposições do artigo 2º, do Decreto 452, de 24 de fevereiro do mesmo ano.

O Decreto nº 86 de 18 de janeiro de 1934 dispôs que a Corporação de Bombeiros, continuando o seu caráter de isolada, tivesse seus elementos sujeitos à Justiça Militar da Força, ficando reduzida a uma companhia, vedada às transferências entre uma e outra corporação.

Foi excluído do acordo que o Estado firmou com a União em 15 de fevereiro de 1934, não sendo, assim, considerado como Força Auxiliar do Exército. Passou à administração do município da capital pelo artigo 4º. da Lei n. 73, de 14 de dezembro de 1936. Reverteu à administração do Estado, continuando independente com seu quadro de oficiais da força, em comissão, pelo Decreto 8.713, 8 de outubro de 1938.

Finalmente, pela Lei nº 155, de 25 de novembro de 1938, foi reincorporado à Polícia Militar, com a denominação de Companhia de Bombeiros e Organização de Companhia de Fuzileiros, gozando de autonomia administrativa para aplicação dos meios que lhe fossem atribuídos no orçamento do Estado e de ampla liberdade de ação quanto à parte técnica. E no ano de 1953, nova designação, Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná.

3.3.1 MISSÃO

Constituição Federal

A Missão do Corpo de Bombeiros está definida na Constituição Federal do Brasil, na qual se encontra o arcabouço jurídico que o Estado proporciona à sociedade para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio. No Título V, trata da Defesa do Estado e das Instituições Democráticas, mais, especificamente em seu Capítulo III, Art. 144, que versa sobre a Segurança Pública, "dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do

patrimônio, através dos seguintes órgãos”:

“I

-

V - Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares.

§ 5º Aos Corpos de Bombeiros Militares, além das atribuições previstas em lei, incube a execução das atividades de defesa civil “”.

Decreto Lei nº 667

O Decreto-Lei nº 667, de 02 Jul 69, com redação dada pelo Decreto-Lei nº 2.010, de 12 Jan 83, estabelece em seu artigo 3º a definição e a competência da Polícia Militar:

Art. 3º Instituídas para a manutenção da ordem pública e segurança interna nos Estados, nos Territórios e no Distrito Federal, compete as Polícias Militares, no âmbito de suas respectivas jurisdições:

- a) executar com exclusividade, ressalvadas as missões peculiares das Forças Armadas, o policiamento ostensivo, fardado, planejado pela autoridade competente, a fim de assegurar o cumprimento da lei, a manutenção da ordem pública e o exercício dos poderes constituídos;
- b) atuar de maneira preventiva, como força de dissuasão, em locais ou áreas específicas, onde se presuma ser possível a perturbação da ordem;

Notadamente, não se vislumbra no presente diploma competência destinada ao Corpo de Bombeiros, entretanto necessita-se uma interpretação da lei de uma forma holística, em que para dirimir possíveis dúvidas recorremos ao ilustre professor Álvaro Lazzarini, o qual comentando sobre a Segurança Pública na Constituição de 1988, abordou o tema de maneira contundente:

“O constituinte de 1.988, no título da Constituição da República, que cuida da defesa do Estado e das instituições democráticas, designou o seu capítulo III, como o Da Segurança Pública, dela tratando no seu artigo 144”.

Com isso, é possível afirmar-se que o constituinte de 1.988, procurou valorizar o principal aspecto ou elemento da ordem pública, qual seja a segurança pública.

Procurou ainda guardar a correta grandeza entre a ordem pública e a segurança pública, sendo esta exercida em função daquela, como seu aspecto, seu elemento, sua causa.

Lembre-se, a propósito, que a “segurança pública” é conceito mais restrito do que o da “ordem pública”, esta a ser preservada pelas Polícias Militares (art 144), às quais se atribui, além das atividades, a também referente à “tranquilidade pública” e à “salubridade pública”.

O mesmo constituinte de 1.988, outrossim, deu dignidade constitucional a órgãos policiais até então inexistente Polícia Ferroviária Federal e as Polícias Cíveis.

Em outras palavras, a Constituição da República de 1.988 passou a prever que a “segurança pública”, como dever do Estado, direito e responsabilidade de todos (art 144) sendo um Estado anti-delitual, será exercida, na República Federativa do Brasil, pela Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, Polícias Cíveis, Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, devendo ser lembradas, por assemelharem-se, as Guardas Municipais, porque, integram a previsão do aludido capítulo e art 144, no seu parágrafo 8º.

Observe-se que os Corpos de Bombeiros Militares, em princípio, não exercem atividades de “segurança pública”, por ser esta uma atividade que diz respeito às infrações penais, com típicas ações policiais preventivas ou repressivas. A atividade dos Corpos de Bombeiros Militares é a prevenção

e combate a incêndios, busca e salvamento e, agora, a de Defesa Civil, prevista no artigo 144, parágrafo 5º, final. Essa gama de atribuições dos Corpos de Bombeiros diz respeito, isto sim, à “tranquilidade pública” e, também à “salubridade pública”, ambas integrantes do conceito da “ordem pública”.

Constituição Estadual

Dispõe a lei maior no plano estadual e trata da segurança pública em seu Capítulo IV, definindo a missão da PMPR no caput do Art. 48:

“A Polícia Militar, força estadual, instituição permanente e regular, organizada com base na hierarquia e disciplina militares, cabe a polícia ostensiva, a preservação da ordem pública, a execução de atividades de defesa civil, prevenção e combate a incêndio, buscas e salvamentos e socorros públicos, o policiamento de trânsito e rodoviário, o policiamento ferroviário, de florestas e de mananciais, além de outras formas e funções definidas em lei”.

Estabelece ainda a Constituição Estadual de forma clara que o Corpo de Bombeiros está vinculado à Polícia Militar do Estado do Paraná, conforme o Parágrafo único do Art. 46:

“Art. 46. A Segurança Pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida, para a preservação da ordem pública e incolumidade das pessoas e do patrimônio, pelos seguintes órgãos: -”.

I - Polícia Civil;

II - Polícia Militar.

Parágrafo Único. O Corpo de Bombeiros é integrante da Polícia Militar.”“.

Depreende-se do texto acima que ao Corpo de Bombeiros, como integrante da Polícia Militar do Paraná, compete a prevenção e o combate a incêndio, buscas e salvamentos e socorros públicos, além das atividades de Defesa

Civil, hoje coordenada pela Casa Militar Estadual, conforme item II do Art. 51 da Constituição Estadual.

Lei Estadual 6.774

A Lei Estadual 6.774, de 23 Jun 1.954 – Lei de Organização Básica da Polícia Militar do Paraná, em seu Título 1, Capítulo Único define a missão, subordinação e destinação da Polícia Militar:

Art. 2º. Compete à Polícia Militar:

II - atuar de maneira preventiva, como força de dissuasão, em locais ou áreas específicas, onde se presuma ser possível a perturbação da ordem;

.....
.....

V – realizar serviços de prevenção e de extinção de incêndios, simultaneamente com o de proteção e salvamento de vidas e material nos locais de sinistro, bem como o de busca e salvamento, prestando socorros em caso de afogamento, inundações, desabamentos, acidentes em geral, catástrofes e calamidades públicas.

A citada Lei destina no Capítulo IV uma seção exclusiva ao Corpo de Bombeiros, Seção II, em que define a organização institucional em seus diversos órgãos.

Mais adiante, a Lei de Organização Básica da PMPR estabelece de forma cristalina, em seu Art. 47, a competência do Corpo de Bombeiros nos aspectos da prevenção contra incêndios.

“Art. 74. A Polícia Militar do Estado do Paraná, através do seu Corpo de Bombeiros, tem competência para:

I - emitir pareceres técnicos sobre incêndios e suas conseqüências;

II - supervisionar o disposto na legislação quanto às medidas de segurança

contra incêndios, inclusive instalação de equipamentos;

III - orientar tecnicamente a elaboração da legislação sobre prevenção contra incêndios, na forma do artigo 117 da Constituição Estadual (Emenda Constitucional nº 3, de 29 de maio de 1.971)".

Lei Estadual 1.943

A lei Estadual 1.943, de 23 de Junho de 1954, Código da Polícia Militar do Paraná, em seu Capítulo V define as atribuições do Corpo de Bombeiros.

"Art. 28. O Corpo de Bombeiros, como unidade militar integrante da Corporação, tem uma organização especial e atribuições de caráter técnico, cumprindo-lhe defender a propriedade pública e particular contra o fogo e outras calamidades".

Art. 29. Administrativamente, a unidade é autônoma para aplicar os meios que lhes forem atribuídos pelos órgãos competentes do poder público.

Do ponto de vista histórico, as últimas décadas proporcionaram notável desenvolvimento da historiografia a partir da renovação historiográfica operada por Lucien Febvre, March Bloch, Ferdinand Braudel, a criação da Escola dos Annales e seus desenvolvimentos posteriores, novos problemas, novas abordagens de ordem conceitual-metodológicas foram aplicadas na maneira de se retratar a história. (Lê Goff e Nora, 1976 – 1979).

Assim como em outras áreas, a história do Corpo de Bombeiros do Paraná, em Curitiba, também se beneficia de novos estudos, superando a história factual, alargando a visão dos fatos, renovando os enfoques, introduzindo novas fontes e documentos, que propiciam um perfil do Corpo de Bombeiros do Paraná.

4 REGISTRO HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ

Não podemos simplesmente, reinventar a roda, pois na década de 50 um registro histórico já foi feito a respeito do Corpo de Bombeiros do Estado do Paraná. Entretanto, o atual registro histórico é focado numa visão de mundo mais atualizada, que nunca estará simplesmente pronta e acabada; talvez em pouco tempo esta mesma visão já esteja desatualizada, se não acompanharmos a evolução e as idéias sociais em vigor, e estarmos atentos às intenções das elites econômicas e intelectuais, que infelizmente vêem no homem de farda, com aquela visão repressiva e negativa e que não conhecem as mudanças que estão em vigor.

4.1 OS ANOS 50

Comandaram o Corpo de Bombeiros do Paraná nos anos cinquenta os seguintes oficiais: Luiz João Mota, João Cherpinski, Joaquim de Souza Teixeira, Manoel Dias Paredes, Virginio Leining de Mello, que comandou até 1º de Fevereiro de 1961.

Governaram o Paraná na década de cinquenta, os seguintes governadores: Moysés Wille Lupion de Tróia, Bento Munhoz da Rocha Netto, Antonio Annibelli, Adolfo de Oliveira Franco, novamente Moysés Wille Lupion e Guataçara Borba Carneiro, que governou o Paraná de 31 de Outubro de 1959 a 9 de Março de 1960.

Mais precisamente em 1953, governava o Paraná o doutor Bento Munhoz da Rocha Netto; era um ano em que se preparavam as comemorações do centenário da emancipação política do Paraná, a idéia do governador era modernizar e mudar alguns órgãos do Estado que se localizavam em Curitiba, apenas uma questão de modificação e atualização.

Uma delas era a instalação da Biblioteca Pública do Estado, no local onde estava instalado o Corpo de Bombeiros, na rua Cândido Lopes. Logicamente que o Corpo de Bombeiros desocupou o local e foi instalado na atual rua Nunes Machado, implicitamente houve um descontentamento com a mudança por parte de oficiais da época.

Há fatos insignificantes, para os despreocupados com pormenores, que podem ter influência na mudança dos aspectos de uma cidade. O caso que vamos narrar por exemplo, poderia ter feito com que a nossa moderna Biblioteca Pública fosse edificada noutro local. Não mais havia o toque de cachaça após a recolhida do pessoal com os uniformes umedecidos. Ficava um cozinheiro de sobreaviso para a preparação do café, preventivo. Certa vez, à noite, num descuido do plantão, à cozinha ia provocando um incêndio em casa. A sala contígua à do fiel de rancho, junto à escada de ferro, em caracol, próximo ao avarandado do quartel já demolido, onde faziam refeições, os sargentos de prontidão, teve o assoalho incinerado, numa boa área, pelas brasas deixadas em uma velha lata destinada à limpeza dos fogões. Perfurado o pavimento, veio a lata cair fragorosamente no solo empedrado da oficina de fundição. Era, logo após, extinto com facilidade o princípio de incêndio no sobrado da caserna de seus próprios adversários. Tudo, neste mundo, pode acontecer. Pior ocorreu recentemente na Europa com fogo em quartel de bombeiros, no qual um incêndio simulado transformou-se em sinistro real, destruindo muitas vidas a inédita catástrofe. (VAN ERVEN, 1954, p.81)

Em 1953, o comandante do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná era o então coronel Joaquim de Souza Teixeira que comandava desde abril de 1951 a 3 jul de 1953, o qual foi substituído pelo Coronel João Cherpinski que comandou de 3 Jul de 1953 a 26 Ago de 1955.

Em 1956, o Corpo de Bombeiros já não se limitava a apenas atender incêndios, havia uma necessidade de se criar um grupamento de elite, que enfrentasse desafios, na área de salvamento e buscas terrestres e aquáticas, principalmente na região de Curitiba e na Serra do Mar. Por meio da publicação do boletim 052 de 1º de maio de 1956, o Comando o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado do Paraná, criava , o Serviço de Salvamento e Proteção que era composto por 15 (quinze) bombeiros sob o comando do 2ºtenente DINALBERTO CARDOSO MOREIRA. Esta nomenclatura persistiu durante doze anos, quando posteriormente chamou-se de Serviço de Busca e Salvamento, e somente em 1976 , por ato do poder executivo, publicado em Diário Oficial do Estado, nº 218 de 14 de janeiro de 1976, pela Lei 6774 de 08 de Janeiro de 1976 é que o grupo de elite de bombeiros passou a chamar-se GBS (Grupamento de Busca e Salvamento), o qual foi extinto em 1994, quando foi criado o 6ºGB. O GBS foi extinto para que seu efetivo

fosse transferido para o novo Grupamento que estava sendo criado, em São José dos Pinhais. Isto para não onerar o Governo do Estado com novas contratações.

Em 1953 a organização bombeiro-militar era constituída de um total de 375 homens, sendo 22 deles oficiais, o mesmo efetivo do ano anterior. (VAN HERVEN, 1954, p. 25). Em 1953, sob o comando do capitão Joaquim de Souza Teixeira (Abril-1951 a Julho de 1953), é que houve: "... a mudança do quartel-central para a avenida Visconde de Guarapuava esquina da rua Nunes Machado (prédio do antigo 5º Batalhão de pré Engenharia do Exército e onde se aquartelou muito tempo o extinto 14º Regimento de Cavalaria.)" (VAN HERVEN, 1954, p. 30).

Todavia, em entrevista com o Major da ativa do Corpo de Bombeiros, Cláudio Luiz Zanlucas, este ao preparar uma aula histórica, em sua pesquisa a documentos da década de 50, se deparou com uma ordem de serviço de agosto de 1952, vinda do Exército, a qual tratava dos preparativos para o desfile de 7 de setembro daquele ano. E no referido documento observou que o mesmo fazia referências quanto a saída do efetivo de desfile desde a rua Nunes Machado, isto posto nos leva a concluir que já em 1952 o Corpo de Bombeiros, já havia se mudado da rua Cândido Lopes para o atual endereço.

Quando da mudança havia seis viaturas adquiridas ainda no governo anterior (Moisés Lupion), de combate a incêndios, que na época eram chamadas de "trem de combate"; neste ano ainda foi instalado o que chamavam de "Estação de Bombeiros" em Londrina, que era a terceira cidade do Estado (VAN HERVEN – 1954). Em 03 Jul 1953, assume o comando o Major João Cherpinski, em seu comando é criada a "Estação de Bombeiros" de Maringá. Houve naquele ano uma "grande parada militar" no dia 19 Dez de 1953, em Curitiba, alusiva ao centenário da emancipação política do Paraná. "Em 1954, o efetivo do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná chega a 400 homens." (VAN HERVEN 1954, p. 31).

Qualquer ofício, por mais humilde, quando tratado com carinho, pode, nos dizer de engenheiros, atingir as culminâncias da ciência e da arte. A posse das bases científicas da profissão, um seguro conhecimento dos fundamentos teóricos das atividades essenciais do C. B., no seu aspecto diretivo, isto é, dos elementos causais de sua existência, constitui ideal de todo o bombeiro autêntico. A teoria do fogo e seu campo de ação, máxime as construções civis e a química industrial sob os pontos de vista da ignidade e da periculosidade, a

pesquisa em pirologia e o conjunto de processos hodiernos no combate ao fogo, os sistemas preventivos, são preocupações constantes dum diretor dos serviços à altura de sua responsabilidade por vidas e patrimônios alheios, cuja ameaça em sinistro lhe são ocasiões de socorro imediato. Um Curso Superior de Bombeiros(...) seria a pedra angular da valorização cultural e profissional da Universidade de salvação pública. Esteve longe de ser difícil fundá-lo: houve oferta verbal de professores entre diplomados ilustres (como, por exemplo, do consagrado intelectual engenheiro Davi Carneiro) e há em Curitiba, cidade universitária e bem industrializada, toda a facilidade do referente à parte prática e experimental. Senão vejamos: Existem na capital paranaense laboratórios bem equipados de química aplicada, gabinetes de física superior, acessíveis à turma de alunos; a Escola de Engenharia, a Faculdade de Ciências, o Instituto de Química Industrial, a Escola Superior de Agricultura (para o estudo da toxidade do fogo em mato, por exemplo), os Laboratórios da Polícia Técnica (perícias e causalidade), as Oficinas ferroviárias, os parques do Sesi e, enfim, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, que expressa extensão universitária. Não se negariam, no interesse coletivo, esses notáveis estabelecimentos em abrir suas portas aos oficiais-alunos ou Curso Especial de Oficiais Bombeiros. Fábricas, como a de Viaturas do Exército (onde se construiu o primeiro motor de aviação inteiramente nacional, no Brasil), as Fundições Muller, os parques do Curso de Oficiais Mecânicos de Aeronáutica, etc. Seriam de utilidade imediata aos nossos pirologistas e engenheiros do fogo. Lentes não faltariam. (VAN HERVEN, 1954, p. 35).

E este foi o pensamento que vigorou nos anos cinqüenta, entretanto como em 1953, o Corpo de Bombeiros do Paraná passara-se a se denominar Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado do Paraná, a formação de um oficial era totalmente voltada ao curso de polícia militar, e ser bombeiro era uma especialidade dentro da Polícia Militar. Entretanto havia idéias desde aquela época em fornecer uma aplicação mais técnica à especialidade de bombeiro militar.

O valor histórico do passado lembrado apóia-se em três pontos fortes. Primeiro, como demonstramos, ele pode proporcionar, e de fato proporciona, informação significativa e, por vezes, única sobre o passado. Em segundo lugar, pode também transmitir a consciência individual e coletiva que é parte integrante desse mesmo passado. Mais do que isso, a humanidade viva das fontes orais atribui-lhes uma terceira força que é excepcional. Pois as instituições reflexivas da retrospecção de modo algum constituem sempre desvantagem. É precisamente essa perspectiva histórica que nos permite avaliar o significado a longo prazo, da história, e só podemos fazer objeção a

receber essas interpretações retrospectivas de outros – considerando que os distingamos como tais - se quisermos excluir os que viveram através da história de toda e qualquer participação em sua avaliação. Se o estudo da memória nos ensina que todas as fontes históricas estão impregnadas de subjetividade desde o início, a presença viva das vozes subjetivas do passado, também limitam em nossas interpretações, e nos permitem, na verdade obrigam-nos, a testá-las em confronto com a opinião daqueles que sempre, de maneira fundamental, saberão mais do que nós.” (THOMPSON, 1992; p. 195).

Com o Corpo de Bombeiros do Paraná, não é diferente. Não há dúvida que existe o perigo de as fontes orais, utilizadas isoladamente, estimularem a ilusão de um passado cotidiano em que fiquem esquecidos tanto os entrecosques da narrativa política da época, quanto as pressões invisíveis da mudança econômica e estrutural, exatamente porque elas raramente influem nas lembranças dos homens e mulheres comuns. É essencial situá-las neste contexto mais amplo. Como vimos, porém, as fontes orais podem auxiliar-nos a compreender como se constituía aquele contexto. Além disso, acenam com a promessa de avançar nessa compreensão de modo fundamental.

De acordo com Thompson : Em primeiro lugar, indicam a existência de um equívoco básico na dinâmica da mudança social. Esta quase sempre é descrita em termos que refletem a experiência dos homens: de pressões coletivas e institucionais e não de pressões pessoais, da lógica da ideologia abstrata, atuando por meio da economia, da política e das redes das elites de sindicatos e de grupos de pressão. Por trás disso, encontram-se as contradições mais profundas da organização econômica e política as quais, às vezes abertamente, ou inconscientemente, expressam-se. Falta, porém, um elemento igualmente essencial: o efeito cumulativo da pressão individual pela mudança. “ É este que emerge imediatamente por meio das histórias de vida: as decisões tomadas pelos indivíduos – para se mudar de casa ou melhorá-la, para deixar uma comunidade e migrar para outra...”(THOMPSON, 1992, p. 329).

Muito antes dos anos cinqüenta, são fundamentados os princípios de hierarquia e disciplina militarizada, como um elo fundamental para o cumprimento da missão bombeiro-militar. “O Corpo de Bombeiros só tem a lucrar com sua organização e administração em moldes militares, principalmente quando forem elas assemelhadas às tropas de engenharia e moto-mecanizadas. São inexcedíveis os padrões de organização das forças armadas, utilíssimos a todas as coletividades, onde a disciplina (que é respeito a uma hierarquia racionalmente estabelecida) torna-se, quando bem compreendida, fator de rendimento do trabalho e de progresso, além de obstaculizar a tiranização.” (VAN HERVEN, 1954, p. 73).

Quanto ao trabalho de história oral: O grupo auto-selecionado raras vezes será inteiramente representativo de uma comunidade. É muito mais provável que seja composto de seus grupos principais – pessoas de uma classe operária qualificada ou de classe média inferior. A classe mais alta local raramente estará presente, como também não estarão presentes os mais pobres, os menos seguros, especialmente entre as mulheres, ou os imigrantes de sua minoria racial. Criar-se-á uma forma de história oral local mais verdadeira e socialmente mais valiosa quando esses outros grupos passarem a participar. Suas publicações serão mais ricas se puderam aproximar a patroa da empregada doméstica, o dono da fábrica de seus operários. Aí sim, revelará a variedade da experiência social da comunidade, os grupos que desfrutaram do melhor e do pior dela – e talvez levará a uma reflexão sobre o que pode ser feito a este respeito. “A história local traçada a partir de um estrato social mais restrito tende a satisfazer-se com menos, a ser uma reafirmação do mito da comunidade. Por certo isso deve ser registrado, e um grupo local auto-suficiente que possa fazê-lo estará, sem dúvida, ajudando muitos outros além dele próprio.” (THOMPSON, 1992, p.43). (...) “A história não deve apenas confortar; deve apresentar um desafio, e uma compreensão que ajude no sentido da mudança. Para isto o mito precisa tornar-se dinâmico. Tem que abarcar as complexidades do conflito.” (...) (THOMPSON 1992; p. 43). “Em princípio, não há razão alguma por que projetos locais não devam ter esse objetivo, ainda que, ao mesmo tempo, continuem a promover a autoconfiança e a produção da história a partir do interior da comunidade. Normalmente, a maior parte dos grupos terão alguns membros com

mais experiência histórica. Precisam certamente ter muito tato; menosprezar mais do que salientar essa sua vantagem. (...)

“Muito embora os velhos sobreviventes fossem livros ambulantes, eu não podia apenas folheá-los. Eles eram pessoas.” (THOMPSON, 1992 p.56).

Com o perfil histórico do Corpo de Bombeiros não poderia ser diferente, o registro da história oral retrata uma visão não positivista, mas mais realista. Ouvindo aqueles que se depararam com os perigos atinentes à profissão, muitas vezes de maneira simplória, em seus relatos não se deram conta que estavam registrando uma importante história que pode ser incluída à história da Polícia Militar do Estado do Paraná.

4.2 OS ANOS 60

Governaram o Paraná nos anos 60, os seguintes governadores: Moisés Lupion, Ney Braga, Agostinho José Rodrigues, Antonio Ferreira Rüppel, Algacyr Guimarães, Paulo Cruz Pimentel.

Comandaram o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná nos anos 60, os seguintes oficiais, Virginio Leining de Mello, Hamilton de Oliveira Castro, Theodoro Arthur Stelle, Zegmundo Ivanike o qual exerceu o comando de Dezembro de 1969 a Novembro de 1970.

No ano de 1963, o Estado do Paraná foi assolado por um dos maiores incêndios florestais que se têm notícias. Naquela época tal evento ficou conhecido como “Paraná em Flagelo”. Foram queimados aproximadamente 2.000.000 ha, entre florestas, campos e plantações, tendo ainda o trágico saldo de 73 mortes e cerca de 4.000 residências queimadas, desabrigando 5.700 famílias.

Os anos sessenta não se limitaram apenas aos incêndios florestais de 1963, o Corpo de Bombeiros do Paraná, estava também ligado às correntes políticas que haviam se estabelecido no poder da união e do Estado, em 1964.

Em entrevista com o capitão Alceu Nascimento, que foi piloto civil, e segundo tenente cinegrafista em 1961, e vinculado ao Corpo de Bombeiros até 1965, na época do “Paraná em flagelo”, montou em uma caminhonete uma estação de rádio

que permitia a comunicação com rádioamadores do Paraná inteiro, uma vez que a telefonia na época era muito limitada.

Lembra que trabalhou na secretaria do comando geral da PMPR, quando o coronel Michalizen era o comandante e por questões políticas pós 64, teve que entregar o comando a um oficial do exército; e que também se recorda que o comandante do Corpo de Bombeiros, Hamilton de Oliveira Castro, foi encarregado para fazer a segurança do Palácio do Governo, durante o golpe de 1964. O coronel Castro comandou o Corpo de Bombeiros em duas ocasiões de 1961 a 1966 e posteriormente de 1970 a 1972; era um oficial muito ligado ao comando do 3º Exército e da 5ª Região Militar.

Cita também que os incêndios florestais de 1963 desencadearam muito rapidamente, foram praticamente cinco dias, lembra o capitão Alceu Nascimento que estava no dia 17 de Agosto, na casa de seu pai comemorando o aniversário do mesmo quando recebeu o chamado para comparecer ao quartel do Corpo de Bombeiros, para dar início ao combate aos incêndios florestais; e tudo aconteceu pouco antes das comemorações do dia do soldado em 25 de agosto de 1963.

Os incêndios aconteciam de maneira simultânea em várias regiões do Estado, de Foz do Iguaçu, onde hoje é o parque nacional, Tibagi, Ortigueira, Porto Rico, Natingui, norte novo, norte pioneiro, noroeste; tudo isto neste curto espaço de tempo, foi um desastre para a época.

O capitão Nascimento cita que logo que chegou ao quartel, o incêndio florestal cuja ocorrência havia desencadeado o plano de chamada, por meio da televisão, havia se localizado em Campo do Tenente, e depois de seu combate ao retorno ao quartel, verificou-se que os incêndios florestais haviam atingido outras regiões do Estado.

Na época do "Paraná em flagelo", segundo o capitão Alceu Nascimento, na mata atlântica, curiosamente foram atingidos somente pontos isolados na região de Morretes e Antonina, e depois foi constatado que foram agricultores os causadores, mas sem a mesma expressividade que os demais pontos do Estado.

O forte dos incêndios florestais no Paraná, em 1963, foi no noroeste do Estado. Houve muitas mortes de pessoas e animais, e na região de Ventania e Ortigueira, as frentes de fogo atingiam quilômetros de distância nestas localidades.

E os incêndios florestais para dizer que começaram a ser controlados, já haviam se passado mais de um mês desde o seu início, na penúltima semana de agosto.

Participaram também, em apoio ao Corpo de Bombeiros do Paraná, nos incêndios florestais de 1963, além do Exército Brasileiro, bombeiros de São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Ainda no final da década de sessenta, ocorrem as primeiras influências do golpe militar de 1964, no Corpo de Bombeiros do Paraná.

Tivemos alguns bombeiros, entre eles praças, que eram fontes de informações do DOI CODI.

O Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna, mais conhecida pela sigla DOI-CODI, foi o órgão de inteligência do Exército Brasileiro durante o regime militar, iniciado em 31 de Março de 1964. Destinado a combater o “inimigo interno”, como a de outros órgãos do período; a sua filosofia de atuação era pautada na doutrina de segurança nacional, formulada no contexto da Guerra Fria, e aprofundada no Brasil pela ESG (Escola Superior de Guerra), com base na instituição americana “National War College”.

Estabelecido em todos os Estados da Federação, o DOI-CODI, nas suas missões, surgiu a partir da Operação Bandeirantes (OBAN), criada em 1969 com o objetivo de coordenar e integrar as ações dos órgãos de combate às organizações armadas de esquerda.

Cada Estado tinha o seu DOI, subordinado ao CODI, que era o órgão central. Os DOI reuniam sob um único comando militares das três armas, integrantes da Polícia Federal e das Polícias Militares dos Estados e dos Corpos de Bombeiros, no Paraná não foi diferente. Na década de oitenta os DOI foram renomeados para SOP (Setor de Operações). (SILVA, 2000, p. 136; 137).

Ainda nos anos sessenta, o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, juntamente com a própria Polícia Militar, não foram poupados das missões constitucionais, estabelecidas no Ato Institucional nº5, de 13 de Dezembro de 1968.

Assim, dizia o § 1º. do Art. 6º do A.I 5: “O Presidente da República poderá, mediante decreto, demitir, remover, aposentar, ou pôr em disponibilidade, quaisquer titulares das garantias referidas neste artigo, assim como empregados de autarquias,

empresas públicas, ou sociedades de economia mista, e demitir, transferir para a reserva ou reformar militares, ou membros das polícias militares, assegurados, quando for o caso, os vencimentos e vantagens proporcionais ao tempo de serviço.”

Isto provocava muito desconforto, principalmente entre o oficialato, havia muito receio até ao dar entrevistas de serviços triviais de prevenção e combate a incêndios de que alguma palavra tenha sido mal interpretada, e que as sanções previstas no Art. 6º. Do A.I 5 pudessem ser aplicadas.

No sentido de ilustrar os acontecimentos da década de sessenta, realizou-se uma entrevista com o 2ºSgt RR BRAZ JORGE DA LUZ. O relato da história oral apresentada abaixo comprova como foi o Corpo de Bombeiros na década de sessenta.

Na visão de Thompson:

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, por que não aproveitar essa oportunidade que só temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados sobre o divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo de seus segredos? (1992, p. 197).

Respeitando as características ou elementos da História Oral, optou-se por apresentar, mesmo como ilustração, a entrevista no formato que se segue:

-Qual o seu nome completo?

-BRAZ JORGE DA LUZ.

-Seu Braz quanto tempo o senhor ficou no Corpo de Bombeiros?

-Eu fiquei trinta e cinco anos.

-E em que ano o senhor se aposentou do Corpo de Bombeiros?

-Eu me aposentei em 1982.

-O senhor viveu a época dos incêndios florestais em 1963, aquilo que ficou conhecido como “Paraná em Flagelo”?

-Sim, sim, eu sou praça desde quarenta e nove, em quarenta e nove eu assentei praça no bombeiro.

-O senhor pode contar alguma coisa de como foram esses incêndios florestais em 1963?

-Você sabe...eu não tenho muita lembrança...com a idade a gente vai perdendo...mas teve muitos incêndios ...eu fui até monitor da escola de...do curso de incêndio florestal em Irati, o pessoal foi fazer o curso eu fui monitor da escola...de recrutas com ...saudosos coronel René, então ele era o professor da escola.

-Era muito difícil trabalhar no Corpo de Bombeiros naquela época?

Era muito difícil...era muito difícil a vida militar... era mais dura... muito dura...hoje é "melhor" trabalhar no bombeiro... na polícia...em tudo.

-O senhor se lembra da Revolução de 64, que derrubou o presidente João Goulart?

-Lembro...lembro nós posamos... no... Palácio ali era época do... governador era Ney Braga não era? Ney Braga era o governador e... nós ficamos ali...com aquela bronca, nós ficamos também..no Palácio lá... o exército estava querendo intervir com a política, com o governo...tudo aqui né... então naquela época tudo estava muito difícil e confuso, principalmente para nós praças, não entendíamos o que estava acontecendo.

-Na época dos incêndios florestais de 1963 houve mortes de bombeiros e de outras pessoas?

-Eu não sei...eu acho que em sessenta e três de militar não houve...houve depois de sessenta e três.. que houve a morte de um tenente, não sei se o senhor está ao par...foi bem depois...agora em sessenta e três eu não lembro.

-O senhor então trabalhou no Corpo de Bombeiros no tempo em que era na atual Biblioteca Pública?

-É eu assentei praça na biblioteca pública, trabalhei lá, até houve um acidente...com a ...bem pegado com o quartel ...dois bombeiros...aliás quatro bombeiros...dois faleceram e dois foram para o hospital...por causa que a Força e Luz estava trabalhando ...como é que é?... num...não posso dizer...ali na Força e Luz bem pegado com o bombeiro e...teve um...negócio que fomos atender e eu também fui... e nós levantamos uma escada e infelizmente tinha uma barra de ferro na escada e eu ainda me livrei, mas os outros dois morreram... dois morreram...eram o Jaime e o

outro não lembro o nome dele ...soldado do bombeiro...até o comandante...era o ...coronel Motta...comandante do bombeiro, ...logo na Biblioteca Pública ainda.

-Por que o Corpo de Bombeiros se mudou da Biblioteca Pública para o quartel da Nunes Machado?

-Olha...esse é um motivo que a gente não está por dentro porque ...que ele mudou...porque a gente não sabia se aquele terreno ali era alugado o que era, ..., mais depois nós viemos ..., pra ...mudamos dali...agora o motivo porque ele mudou não tenho conhecimento.

-O Corpo de Bombeiros teve alguma participação na época do regime militar, na época do golpe de 64?

-Que eu saiba não...que eu saiba não.

-Houve algum tipo de solicitação ao Corpo de Bombeiros pra molhar estudantes e ativistas comunistas em Curitiba?

-Olha...não lembro bem...me parece que houve, mas não tenho certeza também...faz muitos anos ... , a gente não lembra

-Em que ano o senhor saiu do Corpo de Bombeiros seu Brás?

-Para reserva ... eu saí em oitenta e dois do Corpo de Bombeiros.

-O senhor lembra quando houve uma separação de quadros de oficiais em mil novecentos e setenta e seis, da Polícia Militar? Daí passou a ser QOBM e depois QOPM, o senhor tem recordação disto?

-Tenho recordação...tenho...que antigamente concorria as promoção junto com a Polícia Militar, num quadro era da Polícia...agora depois...daquela época mudou...então tem o quadro do bombeiro e o quadro da PM ...isso eu lembro...agora o resto eu não lembro mais.

- O senhor lembra do Pinho?

- Sargento Pinho? Ah lembro...lembro.

-Ele participou de alguma ocorrência e foi condecorado pelo governador do Estado na época?

- Não lembro não...não lembro não, não estou lembrado se ele participou...não lembro.

- Os anos sessenta foram anos difíceis para o Corpo de Bombeiros seu Brás?

- Foi nos anos sessenta em que o governador Moisés Lupion entregou o governo foi em sessenta...então era uns anos...difíceis... assim...nós tivemos no bombeiro...nós tivemos problemas com o Estado...acho que não tinha arrecadação...assim...então tivemos atraso de pagamento de quatro meses...então tivemos problemas financeiros...mas depois que ...entrou o outro governador foi arrumado...arrumado tudo...eu lembro de tudo.

- E nos anos setenta, seu Brás, como era o Corpo de Bombeiros durante a década de setenta, o senhor tem alguma ocorrência que o senhor lembra que participou que deixou marcado na carreira do senhor?

- Eu tenho...uma...pegou fogo no teatro Guaira... eu não lembro bem quem era o oficial...mas lembro bem que era tudo por toque, porque eu era corneteiro, então tinha que saber quatrocentos e oitenta toques, então tinha toque de recuar, perigo, avançar, subir, descer do prédio, salvar oficial de dia, salvar ...tudo era por toque antigamente no bombeiro e eu fazia...eu levei esta sorte que aprendi os quatrocentos e oitenta toques, então neste teatro Guairá ...então estava pra desmornar no incêndio e eu... toquei guarnição perigo,...e toda a guarnição afastou-se ...e caiu e agora não lembro quem era o oficial de dia também...faz muito tempo.

Não devo saber...sei que fui lá...mas não lembro o ano que foi, mas deve ter alguma coisa lá no quartel que...se eu não me engano em sessenta e nove.

-Seu Brás o senhor perdeu muitos amigos em ação?

-Como? Perdi os amigos? Perdi...perdi...perdi bastante conhecidos que aconteceu acidentes que traziam muitos perigos. Olha o senhor sabe de uma coisa...eu assentei praça no dia...senão me falha a memória em dezembro de quarenta e nove, e então em quarenta e nove foi que deu este acidente que morreu estes dois bombeiros e quatro foram acidentados então...

- O senhor se lembra se existiam pessoas dentro do Corpo de Bombeiros que eram designadas para investigar comunistas?

- Ah lembro assim, mas eu não lembro quem eram as pessoas hoje, tinha...tinha...só que eu não lembro agora, todos os quartéis tinham ...só que eu não lembro agora.

- O senhor participou de alguma operação praças ou operação verão?

- Quando foi inaugurado o quartel de Guaratuba, foi inaugurado o posto de guarda-vidas lá, eu fui ... lá também...se não me falha a memória o capitão Almir,o capitão Almir que lá inaugurou aquele posto de guarda-vidas.
- O senhor lembra se naquela época o bombeiro já executava o trabalho de Defesa Civil tirava pessoas de enchentes e acontecia muitas enchentes em Curitiba, nos anos sessenta e setenta seu Brás?
- Olha...aconteciam muito incêndio... pois naquela época só o quartel central que tinha, atendia seis incêndios por noite no inverno ...porque naquela época nós dormíamos com cinto e o capacete pra correr pro incêndio...era complicado.
- O Corpo de Bombeiros mudou muito da época do senhor pra época de agora?
- Mudou muito pra melhor...muito pra melhor...então eu acho que agora está muito bom...já era bom tal...mas era mais difícil a vida naquela época...mas hoje está muito bom... muito bom.
- Seu Brás além de Curitiba o senhor trabalhou em mais alguma cidade do Paraná que tinha bombeiros?
- É eu fiquei quatro anos e meio lá em Irati, lá eu fiquei destacado, em Irati depois vim embora pra cá não destaquei mais e só fiquei na capital.
- O senhor lembra em que época foi ?
- Foi mais ou menos...em sessenta e cinco ...sessenta e seis mais ou menos...não estou.. bem lembrado . Até quem estava no comando era o subtenente Antoninho ...lá ...em Irati.
- O bombeiro no interior era mais difícil trabalhar do que na capital seu Brás?
- Lá em Irati...era muito bom ...muito bom pra trabalhar, lá era legal de trabalhar, muito bom...agora aqui em Curitiba era mais pesado ..tinha mais incêndios, mais serviços ...mais tudo. Mais lá era muito bom, trabalhei quatro anos lá e não posso me queixar.
- O senhor gostou muito de Irati, o senhor lembra de alguns amigos que trabalharam com o senhor lá em Irati?
- Lembro...lembro ...até tenho um compadre que faz horas que eu não vejo um tal de Antonio de Lima, Antonio de Lima...tinha o sargento Schiller ...também que eu lembro o Luis...faz muitos anos... é o que eu lembro de lá...várias pessoas que eu

conheço de lá...eu estava lá quando o prefeito da época era João Mansur ...era o prefeito lá em Irati.

- Seu Brás então o senhor disse que trabalhou no tempo em que o bombeiro era na biblioteca pública e que o senhor se recorda em que uma ocorrência, o senhor presenciou inclusive a morte de alguns bombeiros colocaram uma escada próximo ao fio de luz e eles vieram a ser eletroplessados não é, através da corrente, quantos bombeiros morreram naquele dia seu Brás?

-Naquele dia morreram dois bombeiros e ficou seis internados na Santa Casa.

-O senhor lembra em que época foi, final de quarenta e nove, em cinqüenta?

-Foi mais ou menos em quarenta e nove mesmo ou cinqüenta uma coisa assim, ou no começo de cinqüenta que depois nos mudamos ali, para o quartel novo ali na Nunes Machado...mas eu lembro da morte dos dois...foi feito no quartel mesmo o velório.

-Quer dizer que o velório foi feito no próprio quartel então?

-Foi feito no quartel mesmo, no próprio quartel foi feito o velório dos dois

-Então seu Brás, o senhor traz muitas recordações muitas alegrias, muitas tristezas da época que o senhor era bombeiro, estou falando porque o senhor é o praça mais antigo do bombeiro do Paraná que ainda está com vida, o senhor tem setenta e oito anos não é seu Brás?

-É ...eu trago muitas alegrias...o senhor sabe que...quartel é quartel ...então tem altas e baixas ...então é aquela vida que você leva...não é tudo bom...mas também não é tão ruim não.

- E na época o senhor tinha família grande pra sustentar?

-É eu casei em cinqüenta e depois foi aumentando a família, eu tinha sete filhos, sete filhos pra sustentar...e a situação não era muito fácil lá...e perdi muito tempo de estudo, ainda estou estudando,... com setenta e poucos anos e estou estudando ainda.

-O senhor quando saiu, e foi pra reserva, foi como soldado ou como cabo?

-Eu fui pra reserva como segundo sargento...segundo sargento é.

-Então seu Brás fico muito contente, muito feliz em poder fazer esta entrevista com o senhor, que será uma matéria de monografia.

-Pois olha eu desejo parabéns para o senhor que ...eu contudo a vida ser meia dura eu criei meus filhos e meus filhos estão todos bem e espero que senhor também tenha sucesso no seu curso e nos seus estudos....

4.3 OS ANOS 70

Segundo Cosme Jorge da Luz, Major RR, praça de 1970, referindo-se ainda ao AI 5. “ havia muito temor ao se dar entrevistas à mídia, não havia na época a ampla defesa e o contraditório e muitos bombeiros com uma sindicância eram excluídos da corporação, a disciplina era muito rigorosa.”

Segundo o Major RR Cosme Jorge da Luz, as inspeções do Comando da 5ª Região Militar ao Corpo de Bombeiros eram caracterizadas, por demonstrações, não técnico-profissionais, mas por demonstrações as quais expressam o treinamento físico: tais como salto sobre obstáculos, e agilidades físicas às quais denotavam aquilo que o Exército queria ver, se os bombeiros estavam preparados para servirem como forças auxiliares.

As escalas de serviços por um período chegaram a ser 24 por 24, e às vezes cumpria-se expediente pela manhã. Nossos oficiais e praças seguiam rigorosamente os princípios da hierarquia e da disciplina, muitos sem a visão do que acontecia fora dos muros dos quartéis, mas os bombeiros assim como os policiais-militares, orgulhavam-se da farda da Polícia Militar paranaense, não interessava se isto agradava ou não, os descontentes com o regime militar, que fossem embora.

Os governadores do Paraná nos anos setenta, foram: Paulo Cruz Pimentel, que iniciou seu governo em 31 de Janeiro de 1966 até 15 de Março de 1971, Haroldo Leon Peres, Pedro Viriato Parigot de Souza, João Mansur, Emílio Hoffmam Gomes, Jaime Canet Júnior, Octávio Cesário Pereira Júnior e Nei Aminthas de Barros Braga que governou o Paraná de 15 de Março de 1979 até 14 de maio de 1982. Todos eles foram eleitos indiretamente.

Comandaram o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná nos anos setenta os seguintes coronéis:

Zegmundo Ivanike que iniciou o comando em 3 de Dezembro de 1969, Hamilton de Oliveira Castro, Altevir Lopes, José Scheleder Filho, Gentil Almeida Campos, Goro Yassumoto, João Artur Marques Vieira que comandou o Corpo de Bombeiros até 20 de outubro de 1981.

-O que acontecia no Brasil nesta época?

Na entrada dos anos 70, a imprensa nacional e internacional gostava de utilizar a expressão, milagre econômico, para referir-se ao rápido crescimento da economia brasileira daquele período. Falava-se então em "*boom*", em modelo brasileiro, em gigante da América Latina. As empresas multinacionais consideravam o Brasil área segura e rentável para seus investimentos. Relatórios como os da BIC (Business International Corporation) descreviam o Brasil como país com base industrial sólida da industrialização, fase que o tornaria competitivo nos mercados mundiais e talvez, no final da década de 70, o transforme numa potência econômica de peso, pelos padrões globais. (HABERT, 1992, p 11).

Os anos setenta foram marcados pelo auge do regime militar, não havia grandes mudanças na corporação, quanto ao seu teor em relação aos anos sessenta.

Segundo o Major Cosme Jorge da Luz, a Polícia Militar do Paraná, criava o quadro de combatente bombeiro-militar, ou seja o QOBM, os quadros de oficiais são divididos em oficiais QOPM e oficiais QOBM, isto em 1976.

o quadro foi criado, já na expectativa de que houvesse uma separação do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar do Paraná. Mas esta idéia não vingou, comandava o Corpo de Bombeiros nesta época o Coronel Altevir Lopes. Entretanto este assunto já circulava entre os oficiais; quanto aos praças, estes continuavam sendo policiais-militares, mas somente para o serviço de bombeiros, então são classificados como QPM 2-0, uma especialidade do policial-militar, atuando como bombeiro, os policiais-militares estes sim eram classificados como QPM 1-0, assim o praça era identificado

como sendo do Corpo de Bombeiros ou da Polícia Militar por meio de sua classificação.

Nesta década, as antigas estações de bombeiros já eram conhecidas como Grupamentos de Incêndios, e havia pelo Paraná, Grupamentos em Curitiba, Ponta Grossa e Londrina.

4.4 OS ANOS 80

Esta década foi marcada principalmente pelo fim do bipartidarismo, a redemocratização do país com a abertura política, e o movimento “Diretas já”. Após a saída de João Batista Figueiredo foi eleito pelo colégio eleitoral Tancredo Neves, o primeiro civil a ser eleito desde 1964, que falece antes de tomar posse em seu lugar assume José Sarney. Foi também uma época marcada pelo fenômeno da estagnação da inflação, a qual havia chegado a bater recordes de 87% ao mês enquanto a economia permanecia estagnada. Foram realizados sem êxito, planos como o Plano Verão e o Plano Cruzado, que adotou a moeda o cruzado, e posteriormente o cruzado novo, como unidade monetária nacional.

A década de oitenta é conhecida pelos economistas, inclusive estrangeiros como a “A década perdida”; durante este período ocorreu o avanço da informática e a popularização do computador pessoal. Surgia uma nova forma de economia, baseada especialmente no conhecimento. (LANGONI 1991).

Governaram o Paraná nos anos 80: Ney Braga, José Hosken de Novaes, José Richa, João Elísio Ferraz de Campos, Álvaro Fernandes Dias, Ary Veloso Queiroz.

Foram comandantes do Corpo de Bombeiros do Paraná os seguintes coronéis:

Gentil de Almeida Campos, Goro Yassumoto, João Artur Marques Vieira, Lúcio de Matos Júnior, Antonio Amaury Diettrich, Wilson Santos e Miguel Arcanjo Capriotti que comandou o Corpo de Bombeiros do Paraná, até 21 de Março de 1991.

Nos anos oitenta, foram elevados em nível de Grupamentos de Incêndios as unidades de bombeiros de Cascavel e de Maringá, constituindo respectivamente o 4ºGI e o 5ºGI, sendo que em 1994 passaram a denominar-se de 4ºGB e 5ºGB.

O Coronel Capriotti, posteriormente foi o Comandante Geral da Polícia Militar do Paraná.

Quando ainda era comandante do Corpo de Bombeiros do Paraná, no Brasil, o Congresso Nacional, promulgava uma nova Constituição Federal em 1988, mais para sepultar a Constituição anterior a qual era mais associada aos Regimes Militares. Os deveres e garantias individuais do cidadão foram expressas no artigo quinto, e no seu inciso LV já configurava o direito a ampla defesa e o contraditório, desta época em diante, nenhum militar mais era sumariamente punido ou mesmo desligado da corporação, sem direito ao contraditório e ampla defesa.

Em 1989, o Coronel Capriotti viu a possibilidade de separar o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado, tentando acrescentar isto na Constituição do Estado, que estava sendo estudada, mas a tentativa foi frustrada, e o Corpo de Bombeiros continuou, como até os dias atuais sendo um órgão de execução da Polícia Militar do Paraná.

Em entrevista, de trabalho em história oral, com o MAJ RR COSME JORGE DA LUZ, este retrata aspectos do final da década de 70, e a década de 80, principalmente anterior à Constituição Federal de 1988.

- Major Cosme, em que ano o senhor entrou para o Corpo de Bombeiros?
- Entrei em junho de 1970, no COE, fiquei três meses servindo no COE, para depois ser transferido para o Corpo de Bombeiros.
- O que era o COE?
- Eu como recruta servi de objeto de treinamento do pessoal mais antigo, era um curso sob um comando de um oficial onde a gente servia como vítima, para o pessoal mais antigo executar o salvamento.
- Isto na época era atividade de bombeiro?
- Não, eu entrei para a polícia e depois de três meses é que fui para o Corpo de Bombeiros.
- Nos anos oitenta ainda era época do regime militar, como era o Corpo de Bombeiros nesta época?

- Não só o Corpo de Bombeiros, mas todas as unidades militares, e também era uma seqüência do que já vinha acontecendo nos anos 70, era uma disciplina muito rigorosa, eu lembro que muitas pessoas foram excluídas, sem direito a defesa, por vontade até do próprio comandante de mandar embora algumas pessoas, era muito rigorosa a disciplina, muito rigorosa.
- Durante este período como eram as inspeções do Exército, no Corpo de Bombeiros?
- Estas inpeções eram, tanto na Polícia Militar como no Corpo de Bombeiros, existia muita preocupação quando elas ocorriam, para que tudo estivesse dentro dos padrões estabelecidos pelo exército, não lembro precisamente em que época, mas nas demonstrações técnico-profissionais, eram dadas mais ênfase ao vigor físico, como saltos sob obstáculos do que propriamente um simulado de combate a incêndios, é claro que isto mudou, acredito que o exército tinha mais intenção em saber se os bombeiros estavam melhor capacitados para servirem como força auxiliar, do que como instituição de salvamento e combate a incêndios. Lembro também que muitos oficiais saíram da corporação, por causa do Ato Institucional nº5, assim por decreto presidencial, muitos oficiais foram indiciados e saíram, mesmo com pouco tempo, de serviço, novamente muito embora, posso ser traído pela memória, não me recordo direito se já eram os anos 80. Mas a preocupação era fazer as coisas como as leis militares em vigor queriam, e isto causava muita preocupação. Os oficiais tinham medo do Ato Institucional nº 5.
- Os oficias tinham receio de dar entrevistas na imprensa?
- Eles não tinham ordem para fazer isto, eles só davam entrevistas com autorização do Comando-Geral, senão não poderiam dar entrevista nenhuma.
- Major, qual foi a ocorrência ou as ocorrências, em que o senhor participou, e que mais lhe chamou a atenção?
- Olha, eu trabalhei dez anos praticamente em busca e salvamento e o resto da carreira em combate a incêndios, existem várias ocorrências, mas uma que não me sai da memória, passe o tempo que tiver que passar, eu já estou a praticamente sete anos na reserva, e conforme o lugar que eu vou, conforme as crianças que eu vejo, esta ocorrência me vem na lembrança. Foi um

incêndio que aconteceu no boqueirão, onde o capitão Edson era o diretor de serviço e eu oficial de combate a incêndios, ele me enviou ao bairro do boqueirão para atender um incêndio, com duas viaturas, e durante o trajeto ele me avisou que existiam vítimas no interior da casa. Equipei o pessoal, logo veio apoio do GBS, e quando chegamos no local, a casa estava totalmente tomada pelas chamas, lembro bem na época era o sd Adélio, atualmente na reserva, equipado, entrou no fogo, e voltou, relatando que existiam cinco crianças mortas no canto de um dos cômodos da casa, todas elas abraçadas. Apagamos o incêndio, fomos fazer as verificações, e ao constatarmos vimos a cena das crianças mortas, e aquilo não sai da minha cabeça, já se passaram dez ou quinze anos e não consigo esquecer.

- Major, em 1983 aconteceu uma grande enchente que atingiu o Paraná e principalmente a cidade de União da Vitória, o senhor pode contar algo a respeito deste evento que está na memória de todos os paranaenses?
- Em 1983, eu era segundo tenente e fomos destacados duas vezes para União da Vitória para atender aquela ocorrência, fomos como apoio, pois o GBS (Grupamento de Busca e Salvamento) é que estava no comando da operação, mas foi uma situação em que vimos pessoas perderem tudo, pessoas desaparecidas, e sentíamos-nos impotentes sem poder dar um retorno, vendo as águas destruírem quase tudo, aquilo marcou muito minha carreira.
- O Senhor sente saudades do Corpo de Bombeiros do Paraná?
- Toda hora eu sinto saudades, toda hora, mas acho que temos que nos preparar para a reserva, devemos ter em mente uma atividade para fazer na reserva, assim é comigo, mas mesmo assim, sinto saudades.
- O senhor fez muitos amigos no Corpo de Bombeiros?
- Isto tenho bastante, inclusive um grande companheiro que prestou serviços ao DOI CODI, em 1970 entrei como soldado, em 1973 fiz o curso de cabo, em 1976 fiz o curso de sargento e em 1980 fiz o curso para oficial, em 1997 fiz o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, para sair major e encerrar a carreira, durante toda esta vivência fiz muitos amigos no Corpo de Bombeiros.

- Major, mudou muito o Corpo de Bombeiros, da sua época, dos 70 , anos 80, para o que o senhor vê hoje com a atual globalização?
- Mudou muito, a coisa que mais se vê hoje é a união dos oficiais, nos anos 80, nas quarta-feiras à tarde não tinha expediente, mas o pessoal ficava no quartel, íamos para o cassino, jogávamos sinuca, conversávamos, jogávamos xadrez, haviam vinte, trinta oficiais depois do expediente, conversando, marcando almoço para o domingo, isto já não existe mais os oficiais são mais reservados.
- Major, nos anos 80 existiam EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), como é que os bombeiros iam para os incêndios?
- O equipamento de proteção individual, era o nosso capacete e cinto, e até guardo o meu comigo em casa, não tínhamos todos os equipamentos que temos hoje, era mais força e coragem, não existia outra maneira de se combater incêndios, eram poucos equipamentos.
- Major, quando ainda estava em vigor o Ato Institucional nº5, por que os oficiais tinham medo desta lei?
- Porque no regime militar, não se tinha direito a nada, era o que se falava e o que se cumpria, não existia o direito de defesa, se alguém dissesse que você era culpado, você era culpado, não tinha outro meio. Uma sindicância bastava para colocar alguém na rua, não havia contraditório e ampla defesa. Atualmente para se punir um praça tem que se dar toda a ampla defesa que há na Constituição, o que não tinha no passado.
- Major o senhor trabalhou muito tempo na BM/7 (Engenharia), como foi que o senhor foi parar nessa seção?
- Quando eu vim de Brasília onde fiz o curso de oficiais, o então capitão Nogarolli, viu meu desempenho e me convidou para trabalhar no serviço de engenharia, para eu não ir para o interior, pois naquela seção precisava-se de pessoal, e eu não queria ir para o interior. Entrei lá aspirante, em 1982, e saí de lá para fazer o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais em 1997, então todo este período de oficial , fiquei na Engenharia.

- Major em 1976, houve uma divisão de quadros dentro da Polícia Militar, o quadro de oficiais PM, e o quadro de oficiais BM, o que se esperava com isto na época?
- Isto era um começo, para a separação do Corpo de Bombeiros, quem dizia isto era o coronel Hamilton de Oliveira Castro, era intenção naquela época, separar o corpo de bombeiros da polícia militar, e o primeiro passo era a separação dos quadros, mas só ficou nisto, embora tenha se tentado em 1989, com a Constituição Estadual, mas nada mudou.
- O senhor pode nos dizer como o 1ºGB , foi criado ou o 1ºGI?
- Quando entrei no Corpo de Bombeiros o atual 1ºGB era chamado de Departamento Metropolitano de Combate a Incêndios e o GBS, então praticamente o quartel central, atendia Curitiba e região metropolitana, a partir daquela época, Curitiba começou a crescer a região metropolitana foi crescendo e foi se vendo a necessidade de se criar os pontos avançados, então foram criados postos em São José dos Pinhais, Rio Negro, e chegou-se a conclusão que tinham que se formar os Grupamentos de Incêndios, que depois de 1994, chamaram-se Grupamentos de Bombeiros, foram comandos maiores que foram divididos em todo o Estado para atender melhor a população, não lembro das datas em que foram criados estes grupamentos, com precisão. Lembro ainda que o SIATE foi criado no início dos anos 90, no comando do coronel Capriotti, com o auxílio do engenheiro Alexandre Glitz que trabalhava no Corpo de Bombeiros, o Alexandre Glitz, dava palestras para paramédicos da América e através destes contatos, ele conseguiu levar o Coronel Capriotti o interesse pela criação do SIATE, o que acabou acontecendo no início dos anos 90.
- Major, o senhor sabia que existia militância de bombeiros no serviço do DOI CODI?
- Tínhamos desconfiança de alguns, na época que saíamos para trabalhar, sempre havia algum comentário, cuidado com este, cuidado com aquele, mais tarde soube que alguns que trabalharam conosco, inclusive um grande, amigo trabalhou para o DOI CODI.

4.5 OS ANOS 90

Em 1994, é criado o 6º Grupamento, em São José dos Pinhais, não mais de incêndios mas de Bombeiros, era a nova denominação; também foram criados em nível de subgrupamentos, as unidades de bombeiros independentes, de Paranaguá e de Foz de Iguaçu.

Estes foram marcados principalmente pela efetivação dos serviços de trauma e emergências, vinculados ao Corpo de Bombeiros do Paraná, a criação do SIATE (Sistema Integrado de Atendimento a Trauma e Emergências).

O SIATE teve seu primeiro desenvolvimento desencadeado por decisão interministerial de maio de 1987. Técnicos do IPPUC, concluíram um diagnóstico da demanda e desenharam um modelo adequado à realidade que pretendia-se modificar. Sendo o projeto piloto então elaborado, mereceu aprovação em dezembro de 1987 e deu origem a termos aditivos ao convênio do Sistema Único e Descentralizado de Saúde, então vigente entre os Ministérios da Previdência e Assistência Social da Saúde e do Governo do Estado do Paraná. Os termos aditivos repassavam recursos específicos à concretização do projeto. Em março de 1988, uma portaria da Secretaria de Estado da Saúde, constituiu uma comissão destinada a implantar o projeto piloto. A 29 de Março de 1990, época em que era comandante do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, o coronel Miguel Arcanjo Capriotti, foi assinado o convênio de cooperação técnica, destinado a implantar um serviço de atendimento pré-hospitalar. Inicialmente voltado ao atendimento de vítimas de traumas e limitado à cidade de Curitiba, porém com a ambição de atingir todo o Estado do Paraná e abranger outras emergências médicas. Assinaram o convênio de implantação do SIATE, a Secretaria de Estado da Segurança Pública, a Secretaria de Estado da Saúde, e a Prefeitura Municipal de Curitiba, por meio da Secretaria Municipal de Saúde e do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC).

Outras instituições alinharam-se de imediato à iniciativa: O antigo escritório regional do INAMPS, qualificado como representante do Ministério da Saúde; a

Universidade Federal do Paraná, com o do Hospital de Clínicas; a Universidade Católica do Paraná, com a sua Secretaria Geral e a Associação Brasileira dos Companheiros das Américas, por meio do Comitê Paraná-Ohio. Coube à Secretaria de Estado da Segurança Pública oferecer os socorristas, selecionados e treinados dentre os militares do Corpo de Bombeiros para compor a principal força de trabalho na equipe multiprofissional, à Secretaria Estadual da Saúde contratar os médicos destinados a compor o Corpo Clínico do serviço.

A missão do SIATE é prestar o socorro de emergência às vítimas de acidentes ocorridos em vias e logradouros públicos, em ambientes profissionais e domiciliares, garantindo o suporte básico e avançado de vida, e transportá-las para os hospitais de referências e integrados ao sistema, por meio de ambulâncias, em condições ideais, com equipamentos e procedimentos médicos indispensáveis ao suporte de vida, evitando o agravamento das lesões e melhorando suas condições clínicas.

O atendimento do SIATE é exclusivo ao trauma, sendo que em torno de 70% das ocorrências está relacionado a acidentes de trânsito, como atropelamento, colisão, capotamento, queda de bicicleta, 10% a acidentes interpessoais, como agressão, ferimento por arma de fogo, ferimento por arma branca, 10% devido a quedas e os 10% restantes dos atendimentos são de causas variadas como queimaduras, soterramento, acidente de trabalho ou ainda problemas clínicos com risco iminente de vida.

Comandaram o Corpo de Bombeiros do Paraná, nos anos 90, os seguintes oficiais: Carlos Roberto Cidade, Daniel Cezar Maingué, Manoel Dias Paredes Filho, José Renato Nogarolli, Renê Roberto Witek.

Governaram o Paraná nos anos noventa os seguintes governadores:

Roberto Requião de Mello e Silva, Mário Pereira, Jaime Lerner, sendo este reeleito a um novo mandato de Janeiro de 1999 a Janeiro de 2003 e Roberto Requião de Mello e Silva.

4.6 O INÍCIO DO SÉC XXI

“As fontes orais têm sido utilizadas mais comumente para duas finalidades muito mais limitadas. Em primeiro lugar, há estudos sobre acontecimentos políticos muito recentes que não é possível analisar satisfatoriamente por meio de registros escritos. (...) Em segundo lugar, está a biografia.” (THOMPSON, 1992, p. 117).

A entrevista seguinte em história oral, retrata um perfil dos primeiros anos do século XXI.

Major QOBM Juceli Simiano Junior, assessor da área jurídica da BM/1 do Corpo de Bombeiros do Paraná.

- Major Simiano, hoje o senhor é assessor jurídico do comando do Corpo de Bombeiros, nós vimos recentemente uma matéria de um jornal da Paraíba , falando da emancipação do Corpo de Bombeiros de lá, isso é uma tendência natural , separação dos Corpos de Bombeiros das Polícias Militares, uma vez que só existem poucos estados da federação, que ainda permanecem ligados às polícias militares?
- É uma tendência sim, prova disso, é a situação que você colocou, é que gradativamente muitas co-irmãs já passaram por esse processo, existindo um número muito reduzido no país de corpos de bombeiros ainda vinculados às polícias militares, eu acredito se isto não acontecer por iniciativa do governo do Estado do Paraná, vai acabar acontecendo mais cedo ou mais tarde por força de lei federal, que vai padronizar isto para o país todo. Quanto tempo isto vai demorar a gente não tem uma previsão exata, clara, porque depende de uma posição política de nossos governantes, mas me parece uma tendência sim.
- Os Corpos de Bombeiros, continuariam militares e estariam vinculados a Secretaria Nacional de Segurança Pública, como é que o senhor vê esta nova etapa no futuro do Corpo de Bombeiros?
- Imagino que o panorama hoje é mais razoável, evidentemente que isto vai variando com a conjuntura de cada Estado e com a conjuntura nacional, mas daquilo que a gente pode perceber hoje, a sensação que tenho é que os Corpos de Bombeiros autônomos vão acabar se vinculando às atividades de

defesa civil nos Estados, um pouco mais distanciados da área de segurança pública, porque a segurança pública está mais diretamente relacionada de controle da criminalidade, e na visão que tenho é que os bombeiros devem sair deste contexto de segurança pública, para um contexto de defesa civil, nos moldes no que já acontece no Rio de Janeiro e em outros Estados da Federação. A partir daí como a defesa civil é uma união de esforços é natural que se ajuste algum tipo de mecanismo que interligue os Estados de tal sorte que nós passamos a atuar efetivamente como federação, com autonomia dos Corpos de Bombeiros para as atividades de defesa civil, nos Estados e Municípios, mas também com a possibilidade de parcerias entre as unidades de Corpos de Bombeiros e Defesa Civil espalhados pelo país, para que um possa apoiar o outro na medida que as necessidades vierem a surgir.

- Major existe alguma tendência natural dos regimes de esquerda que atualmente estão na nossa federação e na união, por ranços ao regime militar, em décadas passadas, em desmilitarizar as polícias militares e os corpos de bombeiros?
- Eu não sei exatamente, a razão pela qual isto tem acontecido, mas a gente verifica que algumas iniciativas neste sentido já foram tomadas nos últimos anos para que houvesse uma desmilitarização, no sentido de que estas instituições, uma vez que estas instituições, tem uma configuração voltada ao atendimento da comunidade e que tem que ser mais técnicas do que propriamente militares, como acontece em outros países, mundo afora, entretanto a gente tem todos os indicativos a nível nacional que a configuração militar é a melhor pelo menos neste momento, por uma série de aspectos, um deles é o controle que você tem sobre o grupo de pessoas que está sob o seu comando que é uma situação muito diversa do público civil, estamos submetidos a regras muito mais rígidas com relação a hierarquia e disciplina, que a maioria das instituições civis, o que nos garante bastante segurança na execução das atividades e se gente levar em consideração que vez por outra, nós trabalhamos em situações limite enfrentando as maiores adversidades possíveis, este controle sobre, o grupo de pessoas, que está sob sua subordinação é de fundamental importância. Outros aspectos,

práticos, também são aspectos salariais, os civis têm assegurados horas extras, turnos definidos de trabalho, coisas que os militares não tem, e esta configuração militar, legal, legislativa, permite que o militar trabalhe por exemplo, numa situação de emergência, em havendo necessidade, durante um período ininterrupto de tempo, durante um período também indeterminado, sem que haja qualquer preocupação a questões trabalhistas, porque a nossa configuração é uma configuração diferenciada, é toda feita para atender todo tipo de demanda e tem se sedimentado no decorrer da história, militarismo não é uma coisa recente que foi criado agora pela mente de algum iluminado, é uma forma é uma postura, é uma condição que vem se aperfeiçoando a milhares de anos, para que hoje tenhamos essa configuração, uma configuração testada no mundo inteiro, consistente e que tem dado provas de que funciona, particularmente, com relação ao Corpo de Bombeiros não há nenhum indicativo, de que uma configuração diferente seria mais eficiente, até porque a maior referência que nós temos é a de nosso "cliente", que recebe o nosso serviço é ele que nos diz que acredita no nosso trabalho, por uma pesquisa de opinião que 97% ou 98% da população brasileira acredita nos corpos de bombeiros, eles acreditam porque conhecem a configuração existente. É uma configuração, que atende efetivamente os anseios da comunidade, a gente não sabe, não tem convicção de que migrando para uma outra configuração, a gente conseguisse atingir os mesmos níveis de eficiência que temos hoje.

- Major, o senhor é um oficial, relativamente ainda jovem, para ocupar um cargo de planejamento, o senhor não acredita numa possível extinção da atividade bombeiro-militar da maneira como ela vem sendo executada ou sendo substituída por uma outra?
- Eu acredito que não, até porque volto a dizer, referências que a gente tem com relação à qualidade do trabalho que nós prestamos, são muito positivas, a comunidade vê com muito bons olhos. O que a gente tem visto, inclusive é um sentido contrário, é que os Corpos de Bombeiros, estão tendendo a agregar ainda mais atividades, dos que as mais tradicionais, como combate a incêndios, salvamento, prova disso foi a implantação, com muito sucesso aqui

no Paraná da atividade de atendimento pré-hospitalar, atividades de guardavidas e outras atividades como coleta de leite materno, enfim questões que estão sendo agregadas ao Corpo de Bombeiros, dando ainda maior gama de atividades, então me parece que a tendência é ampliar isto ainda mais, me parece que uma das fontes desta ampliação é o entendimento justamente de que, nós felizmente fazemos bem feito aquilo que fazemos e como fazemos bem feito, é natural que as pessoas queiram que nós façamos outras coisas também, para que estas outras atividades, também, tenham um nível de excelência que as atividades tradicionais nossas tem tido. Então neste contexto, eu entendo que pelo contrário, há uma tendência de que cada vez mais o Corpo de Bombeiros pela excelência do trabalho que realiza, tende a agregar ainda mais atividades e se tornar uma instituição ainda mais forte, sem abandonar sua atividade essencial, que tradicionalmente, historicamente faz, sem abandonar isto, pelo contrário, evoluindo sempre neste sentido, também, mas um tanto quanto possível avançando em outras atividades, onde seja necessário. Nós vivemos num país, que ainda está em processo de desenvolvimento, e há uma série de demandas que ainda não são atingidas pelo poder público, e se existe um órgão público em condição de atender esta demanda, com eficiência, porque não fazê-lo.

- Major, o texto constitucional nos diz que somos militares dos estados, o senhor acredita que isto possa ser mudado ou nós vamos preservar esta nossa identidade?
- Este processo que nos levou a condição de militares dos estados, é um processo relativamente recente, então o que a gente imagina, que por ser justamente uma alteração recente, ela reflete aquilo que a nossa sociedade quer hoje, quer nesse momento é presumir que o ente político que promoveu o estabelecimento desta condição, esteja ouvindo a sociedade, acompanhando o que a sociedade quer, e aquilo que se imagina que seja a melhor configuração legislativa para a instituição. Em razão disso, eu acho pouco provável, que num período curto de tempo a gente volte a uma nova alteração, uma nova mudança neste quadro, pois o que tem aí hoje é uma coisa bastante contemporânea.

- Major, existe algum temor de nossos militares, com relação à reforma da previdência, isto é motivo de preocupação para nós bombeiros-militares?
- Eu acredito que sim, é um motivo de preocupação, posto que a condição militar nos impõe inúmeras obrigações, e é por isso, é isso que justifica no meu entendimento um tratamento previdenciário distinto, no período recente de alguns dias atrás nós perdemos um bombeiro militar ,numa condição trágica atendendo uma ocorrência, isto é um indicativo, que nós atuamos numa profissão de risco, sob condições bastante rígidas, rigorosas, e que este regime previdenciário especial não é nenhum privilégio, é tão somente a contrapartida, que se faz de forma justa, pelo serviço sério e responsável que é realizado pela instituição, volta aqui também a questão, que esta não é uma criação nova, este regime diferenciado, para quem tem trabalho diferenciado, historicamente a gente sabe que o conceito de justiça é dar a cada um o que lhe pertence, na exata dimensão em que isto acontece. Nós temos uma série de restrições com relação a sindicalização, a greve, a horas extras, enfim uma série de limitações quanto a ter uma outra fonte de renda, nós temos obrigações de termos dedicação de serviço a nossa atividade, enfim é uma série de restrições que são feitas para atender esta configuração que nós temos, que trabalha de maneira efetiva, agora há necessidade também de se garantir a este profissional que ele tenha regras estabelecidas, regras definidas que atendam as demandas, não só deste profissional como de sua família, então o entendimento é de que a preocupação tem que haver sim porque uma mudança no atual cenário iria trazer sérios prejuízos à administração militar.
- O senhor acredita numa secretaria que possa surgir futuramente, uma secretaria estadual de defesa civil?
- Eu acredito que sim, acredito que sim, e isto me parece um processo natural de maturação, que está acontecendo, a defesa civil nos últimos anos tem ganhado um espaço muito grande, e o bombeiro, tradicionalmente, historicamente, me parece o órgão mais aparelhado a dar suprimento às demandas de defesa civil, até porque em última instância , a mão que se estende, efetivamente ao cidadão é a do bombeiro, é ele que está lá na ponta

da linha, executando as atividades de defesa civil, e para isso já há disposição constitucional. Então a gente imagina que num futuro próximo, a gente vai fazer não só a execução desta atividade, mas vai ser dada também a capacidade legislativa, a competência pra poder fazer planejamento de defesa civil em termos estaduais, enfim todo o ciclo de atividades de bombeiro, enfim se faça o planejamento, atue preventivamente e numa fase posterior, em havendo necessidade, também se faça a execução, fazendo todo o ciclo de defesa civil e não mais a execução nos moldes daquilo que temos hoje.

- Neste trabalho de história oral que estamos realizando, major, gostaríamos de suas considerações finais.
- Estamos num processo, bastante interessante, num momento histórico muito importante, sempre fomos a instituição amiga, mas que muitas vezes não tinha os meios necessários para atender a demanda da sociedade, começamos na década de setenta trabalhando com o FUNREBOM, isto é com fundos municipais, o que permitiu um aparelhamento razoável da instituição, durante um determinado período, que até hoje se mantém e agregamos a esta fonte de recursos, o Fundo Estadual do Corpo de Bombeiros, que tem trazido frutos extraordinários, que tem proporcionado uma utilização muito grande de nosso trabalho, na medida que tem dado, os meios, os instrumentos necessários para que desempenhemos nossas atividades da melhor maneira possível, então vejo que neste cenário, temos muito para crescer nos próximos anos, pelo menos nos próximos dez ou quinze anos, com o incremento destas receitas e dentro deste novo quadro de conquistas no atendimento pré-hospitalar, na área de defesa civil, que são campos que estão se abrindo, e me parece que temos condições de crescer muito neste período, desde que tenhamos a capacidade de aproveitar estas oportunidades que vão surgindo, aproveitar efetivamente, e tentando traduzir isto , lógico, sempre como qualidade de serviço para a comunidade.

O governo do Estado viabiliza a implantação de unidades de bombeiros civis, em 50 municípios do Paraná, com mais de vinte mil habitantes, atuando como

bombeiros comunitários, e para gerenciar estas unidades civis, cria a oitava seção no Corpo de Bombeiros do Paraná. O primeiro e atual chefe desta seção é o major QOBM FÁBIO MARIANO DE OLIVEIRA.

Na entrevista, de história oral, assim foi relatado o trabalho da oitava seção do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná:

- Major Fábio atualmente o senhor é o BM/8, o que é a oitava seção, por que ela foi criada, como ela foi criada e quais os trabalhos que ela vem desempenhando?
- Ela foi criada em setembro de 2005, é uma seção de Estado-Maior, portanto é assessoria do comando para tratar de assuntos específicos de Defesa Civil, ela faz o elo de ligação à coordenadoria estadual de Defesa Civil que fica localizada na Casa Militar.
- O senhor acredita que futuramente nós vamos ter uma Secretaria Estadual de Defesa Civil?
- O Corpo de Bombeiros passa a fazer parte da coordenação regional de Defesa Civil nos seus GBs (Grupamentos de Bombeiros), e na medida que vamos colocando as diretrizes em prática, vamos sendo competentes para fazer as ações de Defesa Civil, eu creio que um passo a frente será ter uma secretaria a nível de Estado que trate especificamente dessas ações de Defesa Civil aos moldes do Rio de Janeiro.
- O que é o SICOE e o que vem a ser o trabalho do SICOE e como vem se expandindo o trabalho de Defesa Civil a nível de Estado?
- Grande desafio nas ações de Defesa Civil, é a questão de integração e o sistema integrado de comando de operações e emergências (SICOE), tanto na fase preventiva como na fase de resposta, ele vem suprir esta necessidade, ele (SICOE) é uma ferramenta, ferramenta eficaz que vai integrar as ações preventivas e de respostas à Defesa Civil, porém para que esta ferramenta funcione aos moldes do sistema empregado nos Estados Unidos, é preciso que se tenha uma COMDEC operacionalizada (Coordenadoria Municipal de Defesa Civil), tendo isto, a ferramenta (SICOE) vai funcionar de maneira eficiente.
- Os municípios, major, têm dado atenção e criado as COMDECs?

- Felizmente faz dois anos que temos as coordenadorias municipais de defesa civil, instaladas através de decreto municipal, agora com o trabalho dos oficiais do Corpo de Bombeiros visitando cada um destes municípios, nós cremos que teremos estas COMDECs operacionalizadas, portanto a cultura tem sido disseminada, é lógico que a médio prazo ou a longo prazo é que as coisas ficarão mais permanentes, mas acreditamos que isto já está dando resultado e a nível de Brasil, entendemos que o Paraná, é um dos Estados que está com cem por cento dos municípios com as COMDECs instaladas.
- Major como o senhor vê a implantação destes bombeiros comunitários, eles estão correspondendo e é um avanço para a BM/8, e qual a tendência natural destas instituições municipais?
- É lógico que como instituição o Corpo de Bombeiros , gostaríamos que cada um dos municípios ,fossem contemplados com uma unidade de bombeiros militares, como vem sendo ao longo destes noventa e quatro anos, porém é um dever o Estado e é uma necessidade da população em terem estes serviços de combate a incêndios e salvamento, como não dispomos no momento de efetivo suficiente para que possam ser instalados em cada município do Estado do Paraná, vejo a implantação do bombeiro comunitário como uma primeira resposta a este anseio da população, é uma estratégia de crescimento e uma maneira de termos estes serviços colocados a disposição de cada cidadão, que precisa e tem direito aos mesmos.
- O senhor acredita que os serviços de atendimento pré-hospitalar, possam ser imbutidos aos serviços de bombeiros comunitários e consequentemente aos serviços de Defesa Civil?
- Já faz parte de nosso estudo de Estado-Maior, a ampliação deste tipo de serviço, a primeira parte seriam ações de Defesa Civil e Combate a Incêndios, mas vemos que a demanda, assim como é para o bombeiro militar, 80% das ocorrências é o atendimento pré-hospitalar, portanto teremos que estar nos preparando para isto, colocar uma ambulância do SIATE, colocar um socorrista, e dar uma melhor formação ao agente de defesa civil, nesta área.

- Major, o senhor vê uma grande mudança da época em que o senhor entrou para a época atual, em termos de relacionamento com a comunidade, em termos de pensamento ideológico?
- Com certeza , há dezoito anos atrás, quando entramos na corporação nós tínhamos uma realidade populacional, uma realidade econômica, política, isto evoluiu muito, em termos de Corpo de Bombeiros, em termos de finanças, hoje temos o FUNCB (Fundo do Corpo de Bombeiros), estamos adquirindo vários equipamentos, nossas instalações estão sendo adequadas, nossa frota está sendo renovada, nossa capacitação a nível de praças e oficiais está assim, num nível muito bom, e vemos que se possível for uma emancipação do Corpo de Bombeiros, oficiais e praças estão capacitados para isto, temos recursos, então vejo que evoluímos muito, e é natural que o efetivo não acompanhou o crescimento populacional, nem a demanda de ocorrências, mas vemos que aos moldes da nova administração, gestão de pessoal, gestão de recursos humanos , em função desta capacitação, vemos o Corpo de Bombeiros do Paraná como uma referência de instituição a nível de Brasil.
- O senhor falou em emancipação do Corpo de Bombeiros, o senhor acredita que isto é uma tendência natural, e que vai acontecer com o Corpo de Bombeiros do Paraná?
- Eu creio que sim, este assunto já permeia os meios internos da caserna, já há pelo menos uma década. É natural que isto deva acontecer de uma maneira estratégica, direito se perca ao longo do caminho, mas creio que ela deva ser natural desde que haja um consenso do nosso comandante geral, consenso político, consenso da população, vejo que isto vai acontecer de uma maneira bem tranquila, até porque a função de bombeiro é bem diferente do policial militar, e creio que terá uma boa aceitação por parte da população, até porque poderemos ter um crescimento maior nestas condições.

Quanto ao SICOE (Sistema Integrado de Comando e Operações em Emergência), relatado pelo chefe da BM/8, está legalmente embasado por meio do decreto estadual nº6416, de 11 de outubro de 2002, publicado no diário oficial do Estado nº 6336, atende aos preceitos do Decreto nº1.343, de 29 de Setembro de

1999, que regulamenta o Sistema Estadual de Defesa Civil; tem por objetivo a integração dos órgãos públicos, com a iniciativa privada e com a comunidade, para fazer frente aos desastres causados pela natureza ou ação humana.

Assim, preceitua o art. 2º. Do Decreto Estadual 6416/02:

O Sistema Integrado de Comando e Operações em Emergência tem por finalidade integrar esforços dos órgãos públicos e da comunidade para fazer frente às adversidades dos desastres causados pela natureza ou por ação do homem, que coloquem em risco a integridade das pessoas, a segurança pública e o meio ambiente, estabelecendo normas gerais de ação.

Comandaram o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, neste início de século XXI, os seguintes oficiais: Renê Roberto Witek(até 4 de Setembro de 2001), Ubirajara Dias Paredes, Ivaldo Marchesi, Mário Yoshio Wako, e o atual comandante desde 23 de Dezembro de 2005, Coronel Almir Porcides Júnior.

Governa o Paraná desde 1º de Janeiro de 2003, Roberto Requião de Mello e Silva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o Corpo de Bombeiros do Paraná, fazer parte, e descrever um perfil histórico, é mais do que gratificante, pois vemos nesta instituição, uma página da própria história do Paraná. Ao ouvirmos os entrevistados, bombeiros da ativa e da reserva, todos demonstram uma paixão singular pela instituição e pela própria Polícia Militar do Paraná, pois não há como expressar historicamente o Corpo de Bombeiros ignorando a história gloriosa da Polícia Militar do Paraná.

Quanto ao objetivo geral apresentado neste trabalho, este foi atingido. O resgate do passado histórico do Corpo de Bombeiros é perceber que o presente evoluiu muito, nas missões constitucionais que lhe foram outorgadas, acima de tudo ao longo do tempo desde 1912, ou de 1953 até nossos dias, o respeito e a dedicação ao povo do Paraná, tem sido cumprido, e preservados continuamente.

As metas que o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, se propôs a atingir, foram executadas. A instalação do SIATE, que revolucionou o atendimento pré-hospitalar, no Paraná, sempre foi o modelo para o Brasil. A constituição da BM/8,

para organizar a Defesa Civil do Estado foi criada e em 2006, continua atuante diante de novos desafios que é levar o projeto de bombeiros comunitários a outros municípios do Estado, ainda não contemplados com serviços de bombeiros profissionais.

Quanto às décadas, desde os anos 50 aos dias atuais, concluímos que o Corpo de Bombeiros do Paraná, passou por profundas transformações, as quais acompanharam a evolução das ideologias sociais e políticas, e continua evoluindo na busca da informação, do conhecimento, do melhor preparo, objetivando a melhor qualidade na prestação de seus serviços, na atual sociedade globalizada.

Na síntese dos acontecimentos que marcaram o Corpo de Bombeiros nas décadas da segunda metade do século XX, a este início de século XXI, observamos que a evolução das informações têm sido muito rápidas, e a gestão das informações para um próspero futuro devem ser trabalhadas e organizadas com profundo cuidado, para que as metas do Corpo de Bombeiros para com a população paranaense, continuem sendo atingidas.

Resgatar registros da história que não podem ser negligenciados foi meta alcançada neste trabalho, os motivos que levaram o Corpo de Bombeiros do Estado a mudar de local na cidade de Curitiba, para a implantação da Biblioteca Pública do Estado, a conduta constitucional do Corpo de Bombeiros nos difíceis anos do Regime Militar, foi cumprida, a participação no DOI CODI, as influências do AI 5, a adaptação à constituição de 1988, quanto ao contraditório e ampla defesa, atualmente é rigorosamente observado nos procedimentos administrativos. O perfil do homem bombeiro neste início de século XXI, na busca do conhecimento e especialização é uma constante para oficiais e praças do Corpo de Bombeiros do Paraná.

A preocupação em prestar muito mais que um simples atendimento à comunidade paranaense, mas com qualidade, preocupando-se com a credibilidade e o retorno desta mesma comunidade, têm sido objetivados pelos integrantes do Corpo de Bombeiros do Paraná.

Quanto ao futuro, e suas tendências ao aproximar-se do seu centenário. É bom sempre lembrar que um dos motivos pelo qual este trabalho começou, foi justamente com um centenário, o centenário da emancipação política do Paraná, cujas comemorações fizeram com que a sede da corporação mudasse de endereço.

Atualmente é a própria instituição que se aproxima do seu centenário, e as tendências são de crescimento na estrutura que hoje atende ao Estado, são de oficiais e praças cada vez mais dedicados e preocupados com a qualidade de serviços prestados.

Quanto aos oficiais, os ativos intagíveis desta corporação, cada vez mais cômicos de que a responsabilidade e o pleno conhecimento da missão bombeiro-militar legalmente embasada, é o fundamento básico para que o Corpo de Bombeiros do Paraná continue com seu progresso e confiabilidade crescente em todas as áreas em que estiver envolvido e comprometido.

Quanto à história, esta é o meio pelo qual o registro é e continuará sendo contado para que as gerações futuras saibam preservar o passado, zelar pelo presente e se preparar para um futuro promissor.

REFERÊNCIAS

VAN HERVEN, Herbert Munhoz. **Histórico do Corpo de Bombeiros do Paraná.** ed. Do Autor. Curitiba: Ed. Do Autor, 1954.

SILVA, Carlos Teixeira da. **Dicionário Crítico do Pensamento da Direita.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2000. p. 136 – 137.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado, História Oral:** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANDRÉ, Ten-Cel Jurandi; MARTINS, Ten-Cel Jorge Luis Thais. **Perfil Histórico do Corpo de Bombeiros do Paraná.** Curitiba, 2001. (Dissertação). Academia Policial Militar do Guatupê.

HABERT, Nadine. **A década de 70:** Ed. Ática: São Paulo, 1992.

Decreto Estadual nº 6416/02. **Regulamento do Sistema Integrado de Comando e Operações em Emergência – SICOE.**

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil,** 1988.

PARANÁ. **Constituição do Estado do Paraná,** 1989.